

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
CAMPUS PASSO FUNDO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO

ANA PAULA HUBNER

SUCCESSÃO EM PROPRIEDADES RURAIS FAMILIARES:
Um estudo multicaso

PASSO FUNDO

2016

ANA PAULA HUBNER

SUCCESSÃO EM PROPRIEDADES RURAIS FAMILIARES

Um estudo multicaso

Estágio Supervisionado apresentado ao Curso de Administração da Universidade de Passo Fundo, Campus Passo Fundo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof. Dra. Adm. Denize Grzybovski

PASSO FUNDO

2016

ANA PAULA HUBNER

SUCCESSÃO EM PROPRIEDADES RURAIS FAMILIARES:

Um estudo multicaso

Estágio Supervisionado aprovado em 22 de junho de 2016, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração no Curso de Administração da Universidade de Passo Fundo, campus Passo Fundo, pela Banca Examinadora pelos professores:

Prof. Dra. Adm. Denize Grzybovski
UPF – Orientadora

Prof. Dr. André da Silva Pereira
UPF

Prof. Dra. Anelise Rebelato Mozzato
UPF

PASSO FUNDO

2016

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de vida e por me guiar nesta vida!

A minha família, que é meu exemplo e que me proporcionou a oportunidade de cursar uma faculdade, sempre estando do meu lado e me apoiando na busca do meu sonho, que é ser Administradora.

A família Maldaner, principalmente os sujeitos participantes da pesquisa, que estiveram sempre à disposição e não mediram esforços para me ajudar.

A minha querida professora orientadora, Denize Grzybovski, meu eterno obrigado pelo incentivo, dedicação e paciência durante todo este semestre. Obrigada por me orientar e sempre estar disposta a me ajudar.

Aos professores da FEAC, a coordenação e aos funcionários da secretaria, que passaram por mim, me auxiliaram e de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho.

Aos colegas de aula, minha “segunda família” durante os quatro anos de duração do curso. Para sempre lembrarei de cada um de vocês e espero levá-los em meu coração para toda a vida.

Aos meus colegas de “ônibus Taperatur”, que fizeram das noites cansativas da viagem de ida e volta à Universidade de Passo Fundo serem as mais divertidas e descontraídas de todas.

Aos meus amigos, que compreenderam minha ausência durante este período de formação profissional.

Enfim, muito obrigada a todos que de alguma forma ou outra passaram por mim durante estes quatro anos de muito estudo, desenvolvimento pessoal e aprendizagem individual.

Esta conquista não é somente minha, mas de todos nós!

Muito obrigada!

“Não existe desenvolvimento rural sem
jovens”.

MILTON LUIZ SILVESTRO

RESUMO

HUBNER, Ana Paula. **Sucessão em propriedades rurais familiares: um estudo multicaso.** Passo Fundo, 2016. 85f. Estágio Supervisionado (Curso de Administração)– Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis, Universidade de Passo Fundo, 2016.

A sucessão em propriedades rurais familiares é assunto muito discutido no contexto da Administração Rural, em razão da migração de jovens do campo para o urbano, fenômeno social que enfraquece o rural e gera questionamentos a respeito da continuidade das atividades da família rural. O objetivo do presente estudo foi compreender como ocorre a gestão do processo de sucessão em propriedades rurais familiares entre os membros das famílias rurais Maldaner e Hubner, descrevendo estrutura, história, dinâmica das famílias e da propriedade, citando os elementos que configuram o processo sucessório, bem como identificar os sonhos e desejos dos herdeiros-sucessores e finalizando propondo um plano de ação para as famílias rurais. O referencial teórico utilizado foi dos estudos organizacionais no contexto rural, com ênfase na realidade das pequenas propriedades rurais familiares. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa aplicada e descritiva, desenvolvida pela estratégia estudo de caso múltiplo. Como objeto de análise foram selecionadas duas propriedades rurais familiares, ambas localizadas na comunidade Arroio Angico, no município de Tapera, no Rio Grande do Sul. Os sujeitos da pesquisa foram os membros das duas famílias proprietárias, os quais são representados por três gerações. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, orientadas por um Roteiro de Entrevista, e de pesquisa documental, cujos dados foram lançados em planilhas de dados. A abordagem dos dados foi qualitativa utilizando-se o método análise de conteúdo. Os resultados indicam que, na família Maldaner, o processo sucessório foi decorrência do envelhecimento dos patriarcas e a transferência da gestão para o membro da família que permaneceu com os pais, considerado por seus membros como uma “sucessão natural”. Isso significa dizer que não houve a preparação formal de um herdeiro para assumir as responsabilidades da gestão da propriedade em nome da família. Por ser considerada pela sociedade como “a ordem natural das coisas”, não ocorreram conflitos intrageracionais. Na família Hubner, o processo sucessório não está consolidado. No entanto, constatou-se que os membros da família estão sendo preparados para a ocorrência do referido fenômeno social.

Palavras-chave: Sucessão Familiar. Administração Rural. Processo Sucessório. Família Rural. Propriedade Rural Familiar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Emílio e Ilga com seus seis filhos.....	35
Figura 2 – Casamento de Lair e Lurdes Maldaner.....	36
Figura 3 – Emílio, os filhos e a carroça puxada pelos bois.....	37
Figura 4 – Casa da família Maldaner e o primeiro trator.....	39
Figura 5 - Máquinas Agrícolas.....	40
Figura 6 – Trabalho do pai e filho na safra de 2015.....	42
Figura 7 – Colheita agrícola.....	43
Figura 8 – Jaime Hubner e família.....	44
Figura 9 – Pai e filho s na final do campeonato municipal.....	46
Figura 10 – Paulo Hubner e família.....	51
Figura 11 – Retrato dos filhos, na infância e na juventude.....	53
Figura 12 – Amor entre pais e filhos.....	53
Figura 13 – Casa da família Hubner.....	56
Figura 14 – Galpão de ordenha e suínos.....	57
Figura 15 – Estrutura para o cavalo.....	57
Figura 16 – Galinheiro e engorda de animais.....	58
Figura 17 – Paulo e Jaime Hubner na juventude.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sujeitos membros das famílias Maldaner e Hubner.....	30
Quadro 2 – Máquinas agrícolas.....	40
Quadro 3 – Plano de ação para as famílias.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFRS – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MAPA – Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

UPF – Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA.....	13
1.2 OBJETIVOS.....	15
1.2.1 Objetivo Geral.....	15
1.2.2 Objetivos Específicos.....	15
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	16
2.1 PROPRIEDADE RURAL FAMILIAR.....	16
2.2 FAMÍLIA RURAL.....	18
2.3 SUCESSÃO EM PROPRIEDADE RURAL FAMILIAR.....	22
2.4 PREPARANDO A SUCESSÃO.....	25
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	28
3.2 OBJETO DE ESTUDO.....	29
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	30
3.4 PLANO DE COLETA DE DADOS.....	30
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	31
3.6 DEFINIÇÃO DE TERMOS E VARIÁVEIS.....	32
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	34
4.1 APRESENTAÇÃO DOS CASOS.....	34
4.1.1 Família Maldaner.....	35
4.1.2 Família Hubner.....	51
4.2 A SUCESSÃO NA PROPRIEDADE RURAIS ANALISADAS.....	65
4.3 PLANO DE AÇÃO PARA AS FAMÍLIAS MALDANER E HUBNER.....	68
5 CONCLUSÕES.....	71
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES.....	77
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com patriarca e matriarca da Família Maldaner.....	77
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com filha e genro da Família Maldaner.....	79
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com os netos da Família Maldaner.....	81
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista com patriarca e matriarca da Família Hubner.....	83
APÊNDICE E – Roteiro de entrevista com os filhos da Família Hubner.....	84

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da Humanidade, o homem participava de atividades num coletivo familiar, cujo sistema evoluiu para trocas de serviços e produtos entre famílias (SANTO, 2002) por diferentes gerações. Os pais ensinavam aos filhos suas próprias habilidades e o negócio familiar prosperava de geração à geração. Essa dinâmica permanece até os dias atuais e é válida para descrever a realidade na gestão das propriedades rurais de pequeno porte, caracterizadas no contexto brasileiro como agricultura familiar.

A agricultura familiar representa possibilidades para os pequenos produtores rurais, que encontram na produção e no autoconsumo saciado alternativa de sobrevivência num mercado altamente competitivo. Sua importância vai além da estimada produção das famílias rurais. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), a agricultura familiar é responsável pela maior parte da produção dos principais alimentos do brasileiro, como feijão, arroz, farinha e café, o que confere aos pesquisadores uma preocupação particular relacionada à sucessão na gestão dos recursos da família rural.

A sucessão familiar é tema discutido tanto no meio urbano (empresas, corporações) quanto no meio rural (propriedades rurais, empresas rurais). No entanto, no contexto rural há particularidades que precisam ser melhor compreendidas, em especial a problemática que envolve a migração rural e o tamanho da família, fenômenos que comprometem a disponibilidade da mão de obra no processo produtivo nas propriedades rurais familiares.

No presente Relatório de Estágio Supervisionado, o objetivo é refletir como ocorre a gestão do processo de sucessão em propriedades rurais familiares investigando a dinâmica e estrutura da Família Maldaner que está vivenciando um processo de sucessão, e compará-lo com a preparação que a Família Hubner já está vivenciando em vista que esse processo ocorrerá em breve. Especificamente, é preciso investigar a história da referida propriedade rural seu porte, estrutura e atividades produtivas bem como a estrutura e os desejos da Família Hubner. Com base nessa realidade, é possível inferir a respeito das dificuldades futuras no

processo sucessório, os quais encontram-se refletidos nos sonhos/ideais/desejos dos herdeiros e proprietários em relação uso da terra e outros recursos patrimoniais de propriedade da família rural.

O estudo se justifica na formação de um Administrador, tendo em vista que o curso de graduação em Administração pretende formar Administradores generalistas, com competências para atuar em qualquer tipo organizacional. Nesse sentido, a propriedade rural é um tipo organizacional peculiar no que se refere aos processos de gestão, à sucessão e à dinâmica familiar na gestão dos recursos. Ainda, argumenta-se em favor da sucessão familiar como sendo um processo longo, cujo início reside na formação da personalidade dos filhos na primeira infância e a socialização secundária contemplando o meio urbano, que pode (des)encantar. O comprometimento da sobrevivência de qualquer tipo organizacional familiar (empresa ou propriedade rural) está na condução do processo sucessório, em especial nos aspectos relacionados à capacitação profissional dos herdeiros e no encaminhamento dos processos, que acabam resultando em (ir)responsabilidade no uso dos recursos da família proprietária.

Os resultados desse estudo são apresentados a seguir, em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta toda a introdução e os objetivos do estudo. O segundo capítulo traz consigo toda a revisão bibliográfica envolvendo propriedades rurais familiares, família rural, sucessão rural e preparação para a sucessão. No terceiro capítulo são discutidos os dois estudos de caso: primeiro a Família Maldaner abordando a estrutura dinâmica e produtiva da família, a gestão da propriedade, a sucessão e a visão de futuro para a propriedade da família. No segundo caso aborda-se a Família Hubner descrevendo os mesmos aspectos da Família Maldaner. No quinto e último capítulo as conclusões finais referentes a este estudo.

1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA

A sucessão em propriedades rurais é tema muito tratado na área da administração rural em virtude das dificuldades enfrentadas pelas famílias rurais em garantir a presença dos filhos na propriedade, quando os pais envelhecem. Depende dos herdeiros a continuidade da família e do negócio rural, quando se trata de pequenas propriedades rurais.

A sucessão é um tema que precisa de atenção dos administradores das propriedades rurais familiares, pois envolve o patrimônio da família, a continuidade da atividade produtiva, do uso da terra com vistas ao autoconsumo saciado (JUCHEM; BOSCARIN; CÉSPEDES

(2013), questões cada vez mais complexas em razão da migração rural (ALVES; SOUZA; MARRA, 2011), da pluriatividade e da multifuncionalidade dos recursos vinculados a terra, trabalho, conhecimento e natureza (KAGEYAMA, 2008).

A **pluriatividade** (atividades agrícolas e não agrícolas) teve significativa influência nas mudanças socioeconômicas e estruturais da agricultura familiar, configurando a “nova ruralidade” (TEDESCO, 1999; SCHNEIDER, 2003; CAMARGO; OLIVEIRA, 2012; ESCHER et al., 2014). Por “nova ruralidade” entende-se um novo formato de ação administrativa e de uso do conhecimento no meio rural (WANDERLEY, 2004).

Tal complexidade desvelada pelo “novo rural” também coloca em xeque as tradições familiares relativas à herança patrimonial (terra, maquinários, benfeitorias) e ao cuidado dos mais velhos (o filho mais novo recebe uma parte da terra da família rural para cuidar dos pais até sua morte). Os filhos-herdeiros, com maior facilidade ao ensino formal, capacitam-se para o exercício de diferentes profissionais e demonstra menor interesse em cultivar a terra ou herdá-la no modelo tradicional. Muitos se negam a permanecer no meio rural por considerarem as atividades produtivas rurais muito desgastantes em relação as diferentes possibilidades no meio urbano. Assim, após a formação profissional, os jovens não retornam mais ao campo e a família rural fica sem mão de obra e alternativas para gerar renda em pequenas extensões de terra.

A família rural Maldaner, em Tapera (RS), enfrenta essas dificuldades. Trata-se de uma propriedade rural cuja a atividade principal é a agropecuária, com 55 hectares de terra, administrada pelo patriarca (Emílio Silverio Maldaner) de uma família nuclear tradicional, composta por seis membros (pai, mãe, filha, genro e dois netos).

Numa perspectiva do ciclo de vida organizacional descrito por Adizes (1998), a referida propriedade rural familiar ingressa na segunda geração, tendo em vista que a filha (Marlise), em conjunto com seu marido (Jaime) assumem parte das responsabilidades das atividades produtivas. Somam-se a eles a atividade laboral da terceira geração Michel (19 anos) e Daniel (14 anos) que também passa a assumir o compromisso.

Isso ocorre em função de que os pais da Marlise estão envelhecendo e notam que sozinhos não conseguem mais realizar todas as atividades produtivas necessárias para sustento da família. Nesse estágio da vida os pais pedem ajuda a filha e os netos.

A realidade da Família Hubner é um pouco diferente, apensar de também ter uma estrutura de família nuclear. Formada pelos pais e dois filhos, sendo um homem e uma mulher. A propriedade está localizada na Linha Arroio Angico, mesma comunidade da Família Maldaner, em Tapera. O pai trabalha de empregado na Grandespe Sementes e

Agronegócio, uma cerealista de propriedade familiar, que tem sua matriz na própria comunidade do interior. A mãe é responsável pelos cuidados domésticos da família. A filha trabalha como secretária no Sindicato Rural de Tapera e Selbach e finaliza seu curso de bacharel em Administração na UPF em Passo Fundo. O filho iniciou neste ano sua graduação em Agronomia no IFRS em Ibirubá.

A Família Hubner será herdeira de dois hectares de terra que estão em usufruto além de outros dois que já estão no nome de Paulo Hubner aonde se localiza a propriedade. O usufruto já tem mais de dois anos e está no nome de Rosa Élia Hubner, mãe de seis herdeiros no qual um dos beneficiários é pai da autora deste trabalho. O desfrute só acontecerá no dia em que a titular falecer. Com isto tendo em visto o alto valor da terra na região centro norte do Rio Grande do Sul a família irá se deparar com a situação de assumir a terra e continuar a dar sequencia na sucessão da mesma ou vende-las.

Diante do exposto, questiona-se: **Como ocorre a gestão do processo de sucessão em propriedades rurais familiares?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender o processo de sucessão entre os membros das famílias rurais Maldaner e Hubner.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Descrever as propriedades rurais das famílias Maldaner e Hubner sua história, estrutura, dinâmica das famílias e das atividades produtivas desenvolvidas;
- b) Descrever os elementos que configuram o processo sucessório, com base nas descrições dos desejos dos familiares;
- c) Descrever sonhos e ideias que os sucessores possuem com relação ao futuro da propriedade rural.
- d) Propor um plano de ação para as famílias rurais estudadas.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo apresenta as ideias dos principais autores com relação ao tema estudado, sucessão na propriedade rural familiar.

2.1 PROPRIEDADE RURAL FAMILIAR

Vários são os conceitos para propriedade rural familiar, porém todos referem-se a pequena propriedade rural e que usa mão de obra familiar. De acordo com Pequena (2013), a pequena propriedade rural é aquela que explora o trabalho pessoal do agricultor e de sua família. O Estatuto da Terra, que segue a definição do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), define a propriedade rural familiar como sendo aquela em que,

direta e pessoalmente explorada pelo agricultor e sua família, absorva-lhe toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada em cada região, tipo de exploração e eventualmente contando com a ajuda de terceiros. A área fixada compreende o módulo rural (p. 65).

Tedesco (1999), por sua vez, denomina-a como agricultura familiar, descrevendo-a como sendo aquela propriedade em que “a família, ao mesmo tempo em que à proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”. Afirma o autor que, nestas propriedades rurais, geralmente a administração dos recursos e o trabalho desenvolvido são realizados pelos membros da família, que assumem um papel de extrema importância nas atividades produtivas e continuidade de todos no meio rural.

Segundo dados coletados do site do Senado Federal, a Lei 11.326/2006 impõe outros critérios para classificar as propriedades rurais familiares. Além da área de até quatro módulos fiscais (unidade de medida expressa em hectares a qual varia conforme concepção de cada município), um estabelecimento familiar deve utilizar predominantemente mão de obra própria, ser administrado pela família e ser a exploração da área sua principal fonte de renda.

No ano de 2006 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizou o Censo Agropecuário Brasileiro. Nele, verificou-se a importância da agricultura familiar na qual é voltada a produção de alimentos básicos, sendo responsável por 87% da produção de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% da produção de milho, 58% do leite, 59% dos suínos e 50% das aves, entre outros produtos. Os dados mostram ainda que as propriedades

familiares ocupam apenas 24,3% da área das unidades produtivas, mesmo representando 84,4% do total de estabelecimentos, que evidencia a concentração fundiária no país.

Com base nisso, em 1996 reconhecendo a importância da agricultura familiar para o desenvolvimento socioeconômico dos pais, o governo federal instituiu o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). O referido programa possui a finalidade de “promover o desenvolvimento sustentável do segmento rural constituído pelos agricultores familiares, de modo a propiciar-lhe o aumento da capacidade produtiva, a geração de empregos e melhoria de renda de tal forma a melhorar a qualidade de vida dos agricultores familiares” (BRASIL, 1996).

A agricultura familiar pode ser definida como o conjunto das unidades produtivas agropecuárias com exploração em regime de economia familiar, compreendendo aquelas atividades realizadas em pequenas e médias propriedades, com mão de obra da própria família.

Para Costa, o termo agricultura familiar pode ser caracterizado como uma variedade de atores que possuem em comum uma ligação com o campo, utilizando-se de recursos naturais em suas atividades agrícolas, a qual dispõe do emprego da mão de obra familiar (Costa, 2006).

De acordo com Hecht (2000, p. 52), a agricultura familiar caracteriza uma forma de organização da produção em que os critérios utilizados para orientar as decisões relativas à exploração não são vistos unicamente pelo ângulo da produção/rentabilidade econômica, mas considera também as necessidades objetivas da família. Ela corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família, ou seja, os empreendimentos familiares têm duas características principais: administração e trabalho familiar.

Segundo Abramovay (2004), as definições de agricultura familiar não são unânimes. Contudo, em todas elas estão presentes três atributos básicos: gestão, propriedade e trabalho familiar.

A agricultura familiar é fundamental para o desenvolvimento econômico sustentável do espaço rural. A produção familiar é a principal atividade econômica de diversas regiões brasileiras e precisa ser, pois o potencial dos agricultores familiares na geração de empregos e renda é muito importante.

2.2 FAMÍLIA RURAL, AGRICULTOR FAMILIAR E A DINÂMICA FAMILIAR

A família representa o espaço de socialização, de busca coletiva de sobrevivência, local de exercício da cidadania, possibilidade e caminhos para o desenvolvimento individual e coletivo independente das combinações apresentadas ou das novas estruturas que vem surgindo. De acordo com o artigo 226 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a família é considerada base da sociedade e tem especial proteção do Estado.

Segundo Minuchin (1988), a família é um complexo sistema de crenças, organizações, valores e práticas desenvolvidas e ligadas diretamente as transformações da sociedade, em busca de melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus integrantes e da instituição como um todo.

No contexto atual, há muitas mudanças nas bases estruturais familiares, em especial se a referência for a estrutura das famílias dos anos 1930. A configuração original da família é formada por pai, mãe e filhos novos tipos de estruturas familiares (pais e mães do mesmo sexo; filhos oriundos de diversos casamentos ou uniões afetivas anteriores, porém residindo no mesmo espaço físico; pais e mães morando em residências diferentes dos filhos). Tais formatos estruturais e a nova ordem familiar provocaram alterações na sociedade, seja no tamanho e formato das residências, seja nos tamanhos das embalagens e tipos de produtos disponíveis nos supermercados.

Família não é um conceito unívoco, nem expressão passível de conceitos. Logo, é possível descrever suas estruturas ou modos de viver que surgem na sociedade, de acordo com os aspectos culturais do viver em sociedade e o desenvolvimento das diferentes tecnologias. No entanto, é muito difícil definir família no contexto contemporâneo ou encontrar algum elemento com poder de síntese de sua estrutura no contexto da modernidade líquida, como descreve Lipovetski (2005).

A família é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas, ligadas diretamente às transformações de nossa sociedade em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo. O sistema familiar muda à medida que a sociedade muda, e todos os seus componentes podem de alguma forma e outra serem afetados tanto por questões internas quanto externas, fazendo com que elas se modifiquem com a finalidade de assegurar o crescimento e a continuidade psicossocial de seus elementos. (MINUCHIN, 1988).

Uma das formas que podemos analisar o que é família é através da definição jurídica, onde no Código Civil de 1916, a família legítima era definida apenas pelo casamento oficial. Já em janeiro de 2003, começou a vigorar o Novo Código Civil, que incorporou uma série de novidades, sendo que a definição de família passou a abranger as unidades formadas por casamento, união estável ou comunidade de qualquer genitor e descendente. O casamento passa então a ser comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges (CAHALIL, 2003, p. 467); os filhos adotados ou concebidos fora do casamento passaram a ter direitos idênticos aos dos nascidos dentro do matrimônio.

No entanto, as mudanças na sociedade ocorrem em ritmo mais acelerado que no Código Civil, o que leva à necessidade de revisões. Entre meio este período, os juízes de deparam com situações não previstas em lei e precisam se nortear em outros parâmetros para tomarem suas decisões. Além da definição jurídica descrita anteriormente, há também as definições científicas descritas a seguir.

Os diferentes tipos de estruturas familiares são baseados em estudos antropológicos e sociológicos das pequenas e grandes sociedades do mundo todo. Os dois conceitos empregados por ambos na discussão da família são a estrutura e a função. A estrutura tange no que diz respeito ao número de indivíduos e sua posição como mãe, pai, filho, filha, avô, avó, tios e tias, primos e demais. A função descreve como as famílias satisfazem suas necessidades tanto físicas quanto psicológicas para a sobrevivência da família como um grupo (GEORGAS, 2003).

Segundo Berenstein (1988), nas definições antropológicas, o foco do interesse está na estrutura das relações, ou seja, o grau e a natureza do parentesco. A estrutura do parentesco engloba três tipos de vínculos: o sanguíneo (entre irmãos), o de aliança (marido e esposa) e de filiação (pais e filhos). Já na visão sociológica, a instituição familiar tem sido analisada por alguns autores (ANDERSON; GOOLISHIAN, 1988), como um sistema linguístico, construído a partir da subjetividade de seus membros, onde a mudança ocorre dentro da evolução de novos significados através do diálogo.

Podemos citar também a visão psicológica que descrevem o grupo familiar como um conjunto de relações. Neste caso a família pode ser vista como um sistema ou grupo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e/ou por considerarem pertences àquele contexto (DE ANTONI; KOLLER, 2000).

Nesse contexto se insere o debate sobre o agricultor familiar, os membros da sua família nas diferentes faixas etárias, com destaque para a juventude, que tende a migrar do meio rural para o urbano.

Em 2006, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) passa a adotar critérios para definir o que é agricultura familiar e quem é agricultor rural. Através da Lei (Nº 11.326, de 24 de julho de 2006), em seu Art. 3º o MAPA estabelece diretrizes que visam nortear o que é agricultura familiar no Brasil. A lei estabelece que:

Art. 3º Para efeitos dessa Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica as atividades no meio rural, atendendo simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Levando em conta o atendimento a tais requisitos, inclui ainda nessa categoria:

I - silvicultores que atendam simultaneamente a todos os requisitos de que trata o caput deste artigo, cultivem florestas nativas ou exóticas e que promovam o manejo sustentável daqueles ambientes;

II - aqüicultores que atendam simultaneamente a todos os requisitos de que trata o caput deste artigo e explorem reservatórios hídricos com superfície total de até 2ha (dois hectares) ou ocupem até 500m³ (quinhentos metros cúbicos) de água, quando a exploração se efetivar em tanques-rede;

III - extrativistas que atendam simultaneamente aos requisitos previstos nos incisos II, III e IV do caput deste artigo e exerçam essa atividade artesanalmente no meio rural, excluídos os garimpeiros e fiscoadores. (Brasil, 2006).

Portanto, não existe agricultura familiar sem ter um agricultor que seja capaz de dedicar parte de sua vida para cuidar e tirar o seu sustento da terra. Este está dia e noite trabalhando independente das condições climáticas apresentadas para dar a sua família o sustento e uma boa qualidade de vida

Entende-se que a categoria jovem seja uma das mais complexas de definir entre as faixas etárias e os momentos da vida humana. Juventude é uma fase da vida caracterizada pela transição da infância, a partir dos 15 anos, até a vida adulta, a partir dos 24 anos, ou ainda como a coincidência do período de transição entre a puberdade e a saída de casa para construir uma nova unidade familiar (WANDERLEY, 2007).

Com base na análise de Weischeimer (2009), a juventude representa uma fase situada entre a infância e a vida adulta. O marco inicial seria o momento da conclusão do desenvolvimento cognitivo da criança e o seu final estaria ligado à entrada na vida adulta. Ainda de acordo com Amaral et al. (2007, p. 206), definir a faixa de idade não é suficiente para definir o jovem. É preciso que o próprio jovem se defina como tal.

Muitos autores não estão convictos quanto à aplicação da categoria juventude para explicar jovens rurais, pois parece haver consenso de que existe diversas e diferentes formas de ser e se manifestar como jovem na contemporaneidade. A concepção de juventude entendida como uma categoria analítica, fundada em bases etárias homogêneas, deixa de ser o fundamento explicativo. As juventudes tanto urbanas quanto rurais, são muitas e devem ser compreendidas a partir da situação de classes e dos pertencimentos socioculturais que configuram as múltiplas identidades juvenis, entre outros critérios que imprimem especificidades aos jovens conforme as suas condições de existência (AMARAL et al., 2007 p. 218).

A juventude rural como descrito acima, entendida como uma categoria específica, também se configura diante da diversidade e da heterogeneidade. Isso é consequência do fato de que não é apenas estar no espaço rural e situar-se numa em uma esfera cronológica de idade de modo claro o que é um jovem rural ou o que é ser um jovem rural. O fato destes estarem vinculados a atividade agrícola não os torna agricultores (FERREIRA; ALVES, 2009). O processo de categorização, ou mesmo de preocupação com a juventude rural se manifesta na problemática da saída dos jovens do meio rural.

Em termos compreende-se que o jovem rural não é apenas aqueles que residem no campo, mas que o vivencia, que participa da unidade produtiva da família, onde ocupa espaços culturalmente definidos. É o sujeito que se relaciona com um modo de ser específico, vinculado à uma realidade onde o mundo do trabalho e o mundo da vida se fundem e se confundem. Não é ou está imobilizado nesta condição, não é refém de um espaço ou situação, é um articulador de práticas de vida como qualquer outro, embora mantenha as suas identidades a quais carrega na particularidade de seu modo de vida.

De acordo com Weisheimer (2005, p. 25), a juventude rural é identificada de quatorze maneiras diferentes nos estudos: alunos rurais, jovens, jovens agricultores, jovens do campo, jovens do interior, jovens do sertão, jovens empreendedores rurais, jovens empresários rurais, jovens filhos de agricultores, jovens rurais ribeirinhos, jovens sem-terra, juventude em assentamento rural, juventude escolar rural. Por conta desta ampla diversidade temática, e por consequência analítica e teórica, a juventude rural tem sido considerada como um ciclo de vida, uma geração, uma faixa etária, uma representação social/cultural ou um modo de vida (WEISHEIMER, 2005; CASTRO, 2007).

Hoje, as discussões que envolvem a juventude e a agricultura podem ser definidas em dois polos: o êxodo e a permanência (BRUMER et al., 2007). O primeiro refere-se a invisibilidade na qual é construída pelo não reconhecimento dessa categoria como agente

social. É notada como um grupo em crise, que precisa tomar suas decisões de acordo com a expectativa exterior.

Quando se trata do motivo êxodo da juventude rural outro fator latente é a perspectiva de gênero referente aos diferentes espaços de sociabilidade ocupados entre os jovens rapazes e as moças. Invariavelmente são os jovens do sexo feminino que na maioria deixam o campo pela desvalorização das atividades femininas no espaço rural (BRUMER, 2007). Weisheimer (2009) acrescenta que, pelo fator cultural que se entende que as moças não trabalham, não produzem, apenas ajudam, constata-se que os rapazes sempre acompanham os pais nas atividades consideradas produtivas, vivem em submissão relativa perante o pai.

No que diz respeito ao segundo aspecto, a permanência, faz-se referência com o não atendimento das demandas, das necessidades e dos anseios dos jovens rurais aonde Malagodi e Marques (2007) configura como os principais elementos motivadores para a saída dos possíveis sucessores.

Porém a força de trabalho dos jovens é importante e significativa na manutenção e para a sequência das unidades produtivas. Hoje a reprodução da propriedade rural é também a reprodução do ambiente familiar bem como a estrutura de todo o setor agrícola. Por isso a sucessão em propriedades rurais familiares é tema que inquieta a família rural, provoca impasse na sua dinâmica interna, sentimentos de cuidado com os idosos mesclados com desejos de “nova vida”, de partida e de liberdade na escolha da carreira profissional.

2.3 SUCESSÃO EM PROPRIEDADE RURAL FAMILIAR

O êxodo rural e a migração dos jovens rurais têm gerado muita preocupação e dificuldades na reprodução social da agricultura e do desenvolvimento pleno do meio rural. As principais consequências disso é o envelhecimento e a masculinização da população rural, e como consequência uma grande dificuldade na sucessão de propriedades rurais (ABRAMOVAY, 1998, p. 40).

A sucessão é a transferência do controle ou do gerenciamento sobre o uso do patrimônio familiar aos filhos sucessores ou à próxima geração (GASSON; ERRIGTON, 1993), ou ainda, é o ritmo de transferência de poder e de capital entre a geração que atualmente dirige e a que virá a dirigir determinada organização. Da mesma forma acontece nas empresas familiares, sendo um processo lento e gradual, variando de família a família, sendo que quanto mais cedo for realizado, melhor para os integrantes (CARVALHO, 2007, ALHERT, 2009).

Para Mello e Ferrari (2003) o processo sucessório na agricultura familiar está intimamente ligado à figura paterna e ocorre, primeiramente, em razão da perda da capacidade de gerenciamento da propriedade pelos pais do que pelas necessidades dos filhos ou de fatores econômicos e de desenvolvimento das atividades produtivas. Complementando a mesma ideia, Spanevello (2008) ressalta que para assegurar a continuidade do negócio é necessário à transferência do controle das mesmas para a geração atual, desta forma dando sequência a agricultura familiar preservando o patrimônio e suas raízes no campo.

A formação de novas gerações na agricultura envolve um processo que abarca a sucessão profissional, ou seja, a administração do negócio, a transferência legal da propriedade da terra e dos ativos existentes, e a aposentadoria da geração atual, viabilizando a transferência do trabalho e do poder sobre os ativos que compõe a atividade produtiva para a geração seguinte (GASSON; ERRIGTON, 1993).

Através disso, a sucessão fica baseada no ciclo de vida familiar dividida em quatro estágios segundo Burton e Walford (2005). São eles:

- a) O estágio inicial, quando as crianças dedicam seu tempo ao estudo e iniciam os trabalhos na propriedade sob a supervisão dos pais;
- b) O segundo, quando se intensifica a participação das crianças no trabalho;
- c) O terceiro, quando são delegadas mais responsabilidades em termos de técnicas e métodos produtivos, aumentando sua responsabilidade dentro da família;
- d) O quarto, quando o pai se retira da administração da propriedade, transfere o patrimônio para a geração seguinte.

A viabilidade econômica do empreendimento, as oportunidades, a qualificação necessária ao novo agricultor e as estratégias de obtenção de rendas complementares às atividades agrícolas, as relações de gênero, a escolha profissional e a valorização da profissão de agricultor, bem como a apreciação da vida no campo, são fatores que interferem na formação de novas gerações de agricultores (BRUMER; SPANEVELLO, 2008).

A sucessão não ocorre de forma instantânea, o que apresenta na atualidade é como um processo lento e gradual, sendo necessário que este processo se inicie o mais cedo possível, onde, neste decorrer aconteça um planejamento baseado no debate dentro da família e estabeleça os objetivos e estratégias, que consolidam a transferência da unidade produtiva a outro administrador. A continuidade dessa passagem gradual de responsabilidade e patrimônio de uma geração para outra geração.

Muitos jovens herdeiros de propriedades rurais não querem dar continuidade ao trabalho dos pais e avós. Tedesco (2006) contribui dizendo que é visível a recusa dos filhos em suceder seus pais, principalmente em função do modo de vida destes, a falta de finais de semanas livres, de férias sem contar no horário de trabalho irregular por ser uma atividade dura e difícil, entre outros.

Essa transição tem gerado grandes dificuldades em encontrar sucessores em virtude da relativa visão negativa da atividade, muitas vezes construída pelos próprios pais. A transferência da propriedade à nova geração é dificultada pela ausência de recursos socialmente valorizados e principalmente e pela baixa autonomia financeira, embora ainda exista jovens que estão dispostos, por predisposição própria, permanecer no meio rural (STRAPASOLAS, 2006; WEISCHEIMER, 2009).

No entanto, outro fator que deve ser levado em conta no que tange e afeta a viabilidade da propriedade, dentre as quais estão a desconfiança dos pais com relação a seus filhos, seus sucessores. É atribuído principalmente a imaturidade para assumir a frente da propriedade, a falta de responsabilidade por parte dos jovens e a má gestão financeira. Isso faz com que à elevação dos custos e ao desequilíbrio da receita, trabalho e poder, restringe as liberdades e impede que os jovens possam construir seu futuro a partir das suas próprias escolhas (SEN, 2002).

Para amenizar o problema descrito anteriormente, podemos dizer que aspectos como capitalização das propriedades rurais, rendas satisfatórias geradas a partir de uma boa gestão e condições de trabalhos favoráveis são fatores que podem contribuir para facilitar o processo sucessório. Além disso, a maior facilidade no acesso à terra, à educação, ao crédito e às políticas públicas e a extensão rural favorecem o processo de sucessão (SPANVELLO, 2003, p. 15).

Para Ely (2015) o tema ainda não preocupa muito os produtores rurais, assim, o meio rural está ficando cada vez mais com pessoas idosas, pois os jovens não se interessam em tocar o negócio dos pais, preferindo sair do campo para a cidade em busca de um emprego. A autora ainda complementa afirmando que, algumas dessas causas são decorrentes da falta de flexibilidade na negociação entre pais e filhos. Também aparece a diferença educacional. O baixo nível educacional dos empreendedores iniciais, acaba se chocando com o maior conhecimento dos filhos, pois estes tiveram a oportunidade de estudar mais. Ainda, o pouco interesse dos empreendedores iniciais em buscar novos conhecimentos, a falta de compreensão em entender que a propriedade é uma empresa, entre outras razões.

Soma-se a isso o imaginário dos jovens rurais, como descreve Carneiro (1998) pelo constructo “rurbano”. Neste momento de sucessão, todas essas questões afloram e a dúvida é como preparar estes sucessores, quais os caminhos e formas a se utilizar para que este processo ocorra de forma adequada para os filhos assumirem o processo. Segundo Crysthian (2011), alguns veem dificuldade em dar continuidade ao trabalho dos pais, devido principalmente a forma da educação aplicada ao longo da constituição familiar.

Muitos dos filhos vão em busca da formação profissional, partem para grandes universidades e grandes centros de ensino, fazendo faculdades e cursos o que faz com que os mesmos dificilmente retornam a vida no campo, pois viver e trabalhar no campo requer muita dedicação e esforço integral de toda a família. Assim, em virtude disso e do grande êxodo rural, os pais começam a ficar mais atentos e começam desde cedo a despertar o interesse dos jovens pelo campo e seu trabalho rural, iniciando-se informalmente um processo sucessório.

2.4 PREPARANDO A SUCESSÃO

O processo de sucessão é sempre um assunto delicado. Ele não se constrói da noite para o dia, é lento e precisa ocorrer com a harmonia da família, patrimônio e terra. Caso não for feito de maneira correta, corre-se o risco de todo patrimônio ser perdido sem contar nos conflitos familiares que possam vir a ocorrer em função de uma má preparação.

Lodi (1987) afirma que o processo é de transferência, que deve ter seu início quando os filhos ainda são pequenos onde algumas medidas já devem ser tomadas. O autor cita três delas que antecedem a fase sucessória. São elas: 1) formação de base dos sucessores: onde o sucessor é educado e é despertado nele o interesse pela vocação dos seus pais. Para isso, o sucessor precisa ter conhecimento e visão da realidade do mundo, adquirir formação universitária e trabalhos fora da atividade para que possa encontrar sua identidade pessoal. 2) Plano de desenvolvimento: o sucessor deve ter conhecimento do negócio, continuar estudando, ter um bom ambiente social e algumas experiências políticas. 3) Medidas de caráter organizacional e político: refere-se a modificações estruturais da empresa que irão fortalecer o sucessor.

Temos muitos filhos que já estão preparados para das sequencia as atividades dos patriotas, pois sua convivência direta no dia a dia, a realização de algumas atividades e o domínio da propriedade faz com que eles começam a ganhar confiança tanto de si mesmos quanto dos pais e avós com relação a assumir de fato a propriedade.

Também, temos aqueles que os pais não deixam que se envolvam tanto na atividade, preferem que os filhos estudem e vão tentar a vida fora do campo, em virtude de suas experiências passadas e pelo fato dos pais quererem um futuro menos sofrido e duro para seus filhos tentando dar a eles uma vida na qual eles não tiveram e gostariam de ter tido. Porém, esses pais, muitos com um pelo patrimônio rural não pensam no fato que no dia de amanhã não terão a quem passar a propriedade.

Acredito que devem rever esta ideia de querer que os filhos vão em busca de outra profissão que não a agrícola até porque muita coisa no campo mudou em questão tecnológica e de trabalho, não é mais um serviço braçal e desgastante como antigamente.

Hoje, possuem recursos, auxílio e apoio das prefeituras e governos, máquinas e equipamentos que se programados fazem todo o serviço tanto de lavoura quanto leiteiro, internet e redes telefônicas e afins o que fez com que o campo passou a não ser mais um local simplesmente isolado onde o acesso era difícil e a vida mais ainda. Como as coisas hoje estão melhores e o acesso a qualquer recurso está simples e fácil, os pais devem rever seus conceitos e incentivar os filhos desde pequenos a seguir na atividade. Assim, tanto pai quanto filho ganham confiança e o patrimônio não se perde.

Manter uma empresa na família é importante para iniciar uma gestão compartilhada com a troca de experiências entre as gerações fazendo com que possa ser fundamental para a gestão do negócio, garantindo seu conhecimento e prever possíveis riscos que possam surgir comprometendo os resultados financeiros de toda a família.

Os problemas na sucessão familiar são muitos, razão pela qual ela deve ser planejada cuidadosamente pela família rural, levando em considerações as particularidades de cada grupo familiar, sem comprometer sua sobrevivência e continuidade (COSTA; LUZ, 2003). É fase do ciclo de vida organizacional onde muitos problemas surgem e patrimônios acabam se perdendo.

No contexto das empresas familiares do meio urbano, Bernhoeft (1998) afirma que a família deve estar preparada para entender que ela não é uma família, mas que juntamente com seu prestígio, vem a responsabilidade inerente aos reflexos de seus atos, da mesma maneira que nem sempre todos poderão administrar a empresa, seja porque isso na maioria das vezes se torna impossível, e também porque as competências não são iguais.

Ely (2015) afirma que a sucessão é tema que não preocupa muito os produtores rurais. Através disso começam a surgir os primeiros problemas e efeitos deste pensamento: êxodo rural, pessoas idosas no campo e a masculinização do trabalho.

A sucessão é sem dúvida um aspecto muito importante e que merece sim nossa atenção. Hoje em dia lidar com a sucessão familiar nem sempre é fácil, mas os resultados compensam. Em primeiro lugar, é importante que objetivos como manter a propriedade rural, preservar a rentabilidade e mirar no crescimento contínuo sejam ideias compartilhadas por aqueles que deixam o negócios e por aqueles que assumem. Para conseguir manter os sucessores no campo, a sucessão precisa ser feita de forma clara e profissional.

A retirada das gerações mais antigas e a substituição por gerações mais jovens pedem um administrador capaz de continuar a gerir o negócio de maneira competente. Outro desafio que surge é conservar as experiências tradicionais válidas e complementá-las com novas soluções, frutos do progresso tecnológico em diversas fontes de trabalho. Nesse cenário, o foco dos envolvidos deve ser a convergência das visões, das ações e dos talentos visando sempre a modernização contínua.

A sucessão nas propriedades rurais é fundamental para o futuro do Brasil como potência agrícola. Para garantir este futuro, é essencial despertar nos jovens o desejo de assumir e gerir empreendimentos dos pais com responsabilidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo está estruturado para explicar conjunto de procedimentos metodológicos organizados, a partir dos objetivos traçados, que ajudaram na investigação do problema apresentado. Apresentam-se as pesquisas adotadas neste estudo, levando em conta o método, a abordagem, os instrumentos de coleta de dados, de análise e interpretação dos resultados.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa é uma atividade voltada para a investigação de problemas teóricos ou práticos que emprega processos científicos. Ela parte, pois de uma dúvida ou problema e, com o uso do método científico, busca uma resposta ou solução (CERVO, 2007). Seguindo este mesmo raciocínio ela procura resolver problemas e solucionar dúvidas, mediante a utilização de procedimentos científicos (BARROS; LEHFELD, 2000). Ou seja, é a realização de um estudo planejado sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico.

Com relação à abordagem do problema esta pesquisa foi classificada como qualitativa, segundo Minayo (1995), as pesquisas qualitativas responde a questões particulares voltada as ciências sociais onde trabalha com significados, aspirações, crenças, motivos, valores e atitudes correspondentes a espaços mais profundos das relações dos processos e fenômenos que não podem vir a serem reduzidos à operacionalização de variáveis. Ainda, esse método difere, em princípio, do quantitativo, à medida que não emprega um instrumento estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou enumerar categorias (RICHARDSON, 1989).

O presente estudo tem como o objetivo geral analisar e compreender como ocorre a gestão do processo de sucessão em propriedades rurais familiares. Assim, classifica-se como um estudo exploratório onde não requer a elaboração de hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado

assunto. Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias (CERVO, 2007).

Trata-se de uma pesquisa exploratória pelo fato de se encontrar em fase preliminar, tem a finalidade de proporcionar mais informações sobre o assunto investigado, possibilitando assim definições e seu delineamento, ou seja, facilitando a delimitação do tema da pesquisa, orienta a fixação de objetivos e a formulação das hipóteses ou descobri um novo tipo de foco para o assunto.

Quanto ao procedimento técnico, foi feito um estudo de caso, o qual Goldenberg (2005) explica que trata-se de uma análise detalhada e explica a dinâmica de um determinado assunto.

O instrumento escolhido para a coleta de dados é a entrevista, que segundo Oliveira (2002), deve ser feito com imparcialidade, educação, precisão e espírito de observação. As perguntas foram estruturadas de forma clara e ter o mesmo significado para todos os participantes.

Quanto ao procedimento técnico, foi feito um estudo de caso, o qual envolve uma análise profunda e exaustiva de um ou poucos objetivos de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento (YIN, 2001). Possui uma metodologia de pesquisa classificada como aplicada, na qual se busca a aplicação prática de conhecimentos para a solução de problemas sociais (BOAVENTURA, 2004).

3.2 OBJETO DE ESTUDO

O estudo foi desenvolvido em duas propriedades rurais, sendo uma da Família Maldaner e outra da Família Hubner.

A escolha destas propriedades se deu em razão das mesmas estarem localizadas numa mesma comunidade (Arroio Angico), no município de Tapera, no Estado do Rio Grande do Sul, o que facilita a coleta dos dados e a contextualização da cultura dos seus membros por compartilharem valores e tradições comuns. Ainda, há um entrelaçamento de famílias herdeiras, com a possibilidade de ocorrência de consórcio de primos na terceira geração.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa são os membros das famílias rurais selecionadas para o estudo, os quais constituem dois grupos. O Grupo 1 é representado pela Família Maldaner (6 pessoas). O Grupo 2 é representado pela Família Hubner (4 pessoas). O perfil de ambos consta no Quadro 1. Os patriarcas da família original foram alocados no Grupo 1, tendo em vista que residem na mesma propriedade rural.

Quadro 1 – Sujeitos membros das famílias Maldaner e Hubner

Relação de Parentesco	Nome	Idade (anos)	Escolaridade
FAMILIA MALDANER			
Patriarca	Emilio Silverio Maldaner	84	Ensino Fundamental Incompleto
Esposa	Ilga Maldaner	83	Ensino Fundamental Incompleto
Filha	Marlise Maldaner Hubner	42	Ensino Fundamental Completo
Genro	Jaime José Hubner	42	Ensino Fundamental Completo
Neto 1	Michel Henrique Hubner	19	Ensino Superior Incompleto
Neto 2	Daniel Luís Hubner	14	Ensino Fundamental Incompleto
FAMILIA HUBNER			
Pai	Geraldo Paulo Hubner	50	Ensino Fundamental Incompleto
Mãe	Mirtes Regina Hubner	47	Ensino Médio Incompleto
Filha	Ana Paula Hubner	22	Ensino Superior Incompleto
Filho	João Paulo Hubner	17	Ensino Superior Incompleto

Fonte: Dados da pesquisa

3.4 PLANO DE COLETA DE DADOS

O plano de coleta dos dados necessários para o desenvolvimento do estudo contempla fontes primárias e secundárias. As fontes primárias são os sujeitos da pesquisa descritos anteriormente no Quadro 1. As fontes secundárias, por sua vez, são registros pessoais e disponibilizados em arquivos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sindicato Rural, Emater, Prefeitura Municipal e outras identificadas no decorrer da pesquisa.

Para a coleta dos dados primários, foi utilizada a entrevista individual orientada pelo Roteiro de Entrevista disponível no Apêndice A. As respostas foram gravadas pelo celular da autora foram transcritas.

A coleta de dados com a Família Maldaner foi agendada por telefone e realizadas individualmente na propriedade, fora do horário de trabalho dos entrevistados. O conteúdo da entrevista abordou os seguintes tópicos: histórico da propriedade, momento de sucessão, dificuldades e anseios dos membros, expectativas com relação ao futuro da propriedade e afins.

Em razão da autora do presente estudo fazer parte da Família Hubner, os dias das entrevistas foram agendados pessoalmente e de acordo com a disponibilidade dos seus membros. Da mesma forma que na Família Maldaner, as entrevistas foram orientadas pelo mesmo Roteiro de Entrevista e tiveram duração média de trinta minutos de duração.

Após sua realização, as entrevistas foram transcritas pela autora do estudo em arquivos eletrônicos utilizando o *software* Windows Word Versão 2010.

De acordo com a necessidade de esclarecimentos de pontos destacados pelos entrevistados, foi realizada pesquisa documental, com pretensão de acessar os seguintes documentos das famílias: bloco de produtor rural, escritura das terras, registro e outras anotações das vendas realizadas, arquivos com os pedidos e notas de compras de insumos e outros.

Os dados foram registrados num caderno de campo e posteriormente analisados de forma combinada com os dados transcritos das entrevistas.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, os dados foram analisados conforme proposta de Bardin (2006) onde as etapas para a consecução da análise de conteúdo, organizadas em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material, 3) tratamento dos resultados, interferência e interpretação.

A primeira etapa, denominada de pré-análise, é a fase que compreende a organização do material a ser analisado em quatro processos: (i) a leitura flutuante, (ii) escolha dos documentos, (iii) formulação de hipóteses e objetivos, (iv) elaboração de indicadores e por fim, a preparação formal do material.

A segunda etapa é a exploração do material, onde diz respeito a codificação do material e na definição de categorias de análise, a identificação das unidades de registro e das unidades de contexto nos documentos.

A terceira e última etapa consiste no tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesta etapa ocorre a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2006).

As categorias para análise das respostas são: A sucessão nas propriedades rurais analisadas e plano de ação para as famílias Maldaner e Hubner.

3.6 DEFINIÇÃO DE TERMOS E VARIÁVEIS

Propriedade rural familiar – É um imóvel explorado pelo agricultor rural e sua família que garante a eles o sustento, subsistência, progresso social e econômico.

Variáveis:

- a) Tamanho da propriedade rural: Pequena propriedade: corresponde de um a quatro módulos fiscais. No caso de Tapera, cada módulo rural corresponde a 20 hectares.
Média propriedade: de área superior a quatro e até quinze módulos rurais
- b) Propriedade: Familiar

Família rural – É um grupo de pessoas que vive em uma propriedade rural e trabalha de forma unida em prol de um objetivo comum.

Variáveis:

- a) Laços consanguíneos
- b) Local de residência

Processo sucessório – É um mecanismo de transferência de controle ou poder para a próxima geração.

Variáveis:

- a) Geração da família proprietária a qual pertence
- b) Papel representado na gestão da propriedade rural familiar

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa, e aborda a apresentação das propriedades, a origem das famílias Maldaner e Hubner, suas estruturas e atividades desenvolvidas, a sucessão bem como a proposta desenvolvida.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS CASOS

Nesta sessão são apresentados os casos selecionados para o estudo. A primeira propriedade rural familiar selecionada para o estudo trata-se da Familiar Maldaner do município de Tapera - RS, na qual vem passando pelo processo de sucessão. Na propriedade residem seis membros sendo todos eles escolhidos para participarem da pesquisa pelo fato do envolvimento de ambos na atividade sendo eles: o patriarca (fundador da propriedade), filha e genro (assumiram o trabalho e a responsabilidade a algum tempo) e dois netos (futuros sucessores que aos poucos estão conquistando seu espaço na atividade da propriedade).

O segundo caso selecionada foi o da Família Hubner residente no mesmo município de Tapera. Esta família já possui dois hectares de terras e receberão mais dois hectares por meio de usufruto, totalizando uma propriedade rural de quatro hectares. Essas terras logo serão formalmente transferidas para os dois filhos do casal. Residem na zona rural os quatro membros da referida família (pai, mãe, filha e filho), sendo que todos participaram da pesquisa em razão do envolvimento no processo sucessório.

4.1.1 Família Maldaner

A propriedade rural da Família Maldaner será apresentada em duas partes, sendo a primeira para descrever a estrutura e a dinâmica da família rural e, a segunda parte, para descrever a estrutura produtiva e a gestão da propriedade rural.

a) Estrutura e dinâmica da família rural

A propriedade da Família Maldaner, um dos objetos desse estudo, localiza-se em Arroio Angico, distante 8 km da cidade. A comunidade tem aproximadamente 80 habitantes tanto de origem italiana como alemã.

A família Maldaner é formada por pai (Emílio), a mãe (Ilga), filha (Marlise), genro (Jaime) e dois netos (Michel e Daniel). É uma família que se considera “muito tradicional”, pois preserva os costumes de seus antepassados alemães e não dispensa os almoços e datas comemorativas em família.

Todos os filhos e netos sempre “estão em casa nos finais de semana”. O casal possui seis filhos, sendo cinco residentes em Tapera e um em Cruz Alta. Somam-se a eles quinze netos e três bisnetos. Na Figura 1, o casal com seus seis filhos da esquerda para a direita: Lair, Sadi, Valdir, Seni, Cirlei e Marlise.

Figura 1 – Emílio e Ilga com seus seis filhos



Foto: Arquivos da família Maldaner

Um dos filhos de Emílio e Ilga Maldaner casou-se no mesmo dia em que Ana Paula Hubner, integrante do estudo da Família Hubner e sobrinha de Jaime nasceu no Hospital Roque Gonzáles de Tapera-RS. Lair Maldaner e Lurdes casaram-se em Tapera no dia 08 de janeiro de 1994.

Na Figura 2 a representação do casamento de Lair e Lurdes em 1994 juntamente com todos os membros da Família Maldaner.

Figura 2 – Casamento de Lair e Lurdes Maldaner



Foto: Arquivos da família Maldaner

Católicos praticantes participam das festas e atividades que são desenvolvidas pela comunidade de Arroio Angico, e na comunidade vizinha São Rafael devido a Igreja Católica estar lá localizada.

Emilio conta em sua entrevista que trabalhou desde os treze anos com os pais e os onze irmãos nas lavouras da família que era localizada na comunidade em que residia: Linha Passo do Padre, comunidade do interior de Selbach-RS. O mesmo diz:

Era tudo lavrado com bois. Era plantado tudo que precisávamos, o que não era produzido era comprado quando vinham para a cidade que ficava longe da nossa casa. Lembro-me do nosso primeiro ano de casados onde colhemos 50 sacos de batatinha que foram vendidas para o mercadinho do Severo Werlang de Selbach e 300 sacos de milho que vendemos para o antigo Moinho de Espumoso.

Na Figura 3, a lembrança de 1975 guardada pela família de Emílio com dois filhos e a carroça que era puxada por dois bois. Ao fundo, a casa da família que permanece igual até hoje.

Figura 3 – Emílio, os filhos e a carroça puxada pelos bois



Foto: arquivos da família Maldaner

Ilga a esposa conta que conheceu Emilio em um baile em Passo do Padre, aonde ela juntamente com os pais e os 18 irmãos sempre iam por que gostavam muito de dançar. Casados a 57 anos conta que o início não foi fácil. Ela e Emilio conseguiram adquirir 24 hectares na Linha Arroio Angico, local aonde residem até hoje. A terra foi adquirida na época pelo valor de R\$ 280,00 que foram pagos com 10 porcos.

O casal conta com orgulho que todo o trabalho era difícil e feito todo ao manual, no “muque” como diz Emilio. “Era plantado e arado com bois, plantávamos mandioca, milho e tinham muitos porcos para o consumo da própria família”. Emilio conta que trabalhou quando jovem para Afonso Ili, que possuía uma cerraria em Tapera. “Íamos para o mato ao amanhecer e não tínhamos hora para voltar para casa”.

A matriarca conta que “como sua família era grande, as mulheres ajudavam no serviço da casa mas quando necessário iam ajudar os irmãos na roça para conseguir darem conta de todas as atividades. Não havia desculpa para não ajudar”.

Perguntado a filha Marlise sobre o histórico da propriedade e da família ela destaca “era tudo braçal, antes era tudo arado com bois”. Jaime, seu marido comenta:

Sei de quando viemos morar com eles para frente. Nada era fácil naquela época, era plantado e arado com bois, às vezes com a seca e com a chuva era perdido tudo. Mas com o passar do tempo às coisas foram melhorando.

Quando perguntado aos netos Michel e Daniel o que sabiam da história da família ambos comentaram do início difícil, das várias dificuldades para se chegar onde estão. Daniel destaca: “Antigamente era bem mais sofrido, muita coisa melhorou hoje e ajudou no desenvolvimento e crescimento da propriedade”.

Com o passar dos anos, Emilio e Ilga tiveram seis filhos. Ilga conta:

Todos os nossos filhos foram casando e saindo de casa, cada um foi lutando e conquistando suas coisas. A mais nova, a Marlise, ficou conosco. Ficou em primeiro lugar porque nossa família presa por todos juntos, pelos almoços e pelas nossas tradições. Eu sozinha não iria dar conta de fazer as comidas, cuidar da casa e receber todos. Não venceria o serviço. Também, casa um dos nossos filhos tinham suas casas e suas atividades; não iriam largar tudo para estar todo dia nos ajudando. Por isso obtemos pela permanência da Marlise e de nosso genro sob consentimento deles.

Emilio articula: “precisávamos que alguém ficasse em casa para nos ajudar. Sabíamos que em algum momento iríamos precisar de ajuda ou teríamos que abandonar tudo e acabar vendendo”.

b) Estrutura produtiva e gestão da propriedade rural

A propriedade rural possui hoje 55 hectares divididos da seguinte forma:

- 1,5 hectares de benfeitorias;
- 2,5 hectares de poteiros;
- 2 hectares de matos
- 49 hectares de lavoura.

Dentro dos 1,5 hectares de benfeitorias encontra-se uma casa aonde a família reside, um galpão de máquinas, um galpão aonde é ordenhado e que também serve como depósito de ração para os animais e, um chiqueiro.

Na Figura 4 a foto da casa da família Maldaner e o primeiro trator adquirido para a propriedade.

Figura 4 – Casa da família Maldaner e o primeiro trator adquirido.



Fonte: Arquivos da família Maldaner

No galpão da propriedade estão guardadas as máquinas e os equipamentos da lavoura, que conferem independência de terceiros no período do plantio e da colheita. O responsável pela sua manutenção é o genro, Jaime, e seu o filho mais velho, Michel. No Quadro 2, a relação das máquinas e equipamentos agrícolas, considerado patrimônio.

Quadro 2 – Máquinas e equipamentos agrícolas

Máquina	Modelo	Ano
Trator	Massey Ferguson 275	1976
Trator	Massey Ferguson 290	1984
Caminhão	Mercedes Benz 608	1985
Colheitadeira	New Holland TC	1996
Trator	New Holland TL 85	2002
Pulverizador	Jacto	2008
Semeadora	Semeato 13 Linhas	2012
Lancer	Stara	2014

Fonte: dados da pesquisa

Traçando uma análise com relação aos implementos agrícolas da Família Maldaner pode-se destacar dois aspectos: a depreciação das máquinas onde a grande parte está depreciada a mais de dez anos podendo-se dizer que não houve um planejamento quanto a isso que se deve provavelmente pela falta de conhecimento quanto a isto. Deixa assim evidente a quebra de produtividade que essas máquinas podem ter causado por serem mais antigas, sem contar com gastos e imprevistos que já possam ter acontecido tanto quando podem acontecer durante as épocas de plantio e colheita fazendo com que o lucro líquido das safras sejam menores que o esperado.

O outro aspecto que pode-se observar diz respeito ao poder aquisitivo com o passar dos anos, fator positivo pois observa-se que em média a cada dez anos conseguiu-se adquirir um novo implemento agrícola.

Na Figura 5 a apresentação em mosaico de algumas das máquinas agrícolas da família relacionadas anteriormente, as quais se apresentam em bom estado de conservação.

Figura 5 – Máquinas agrícolas



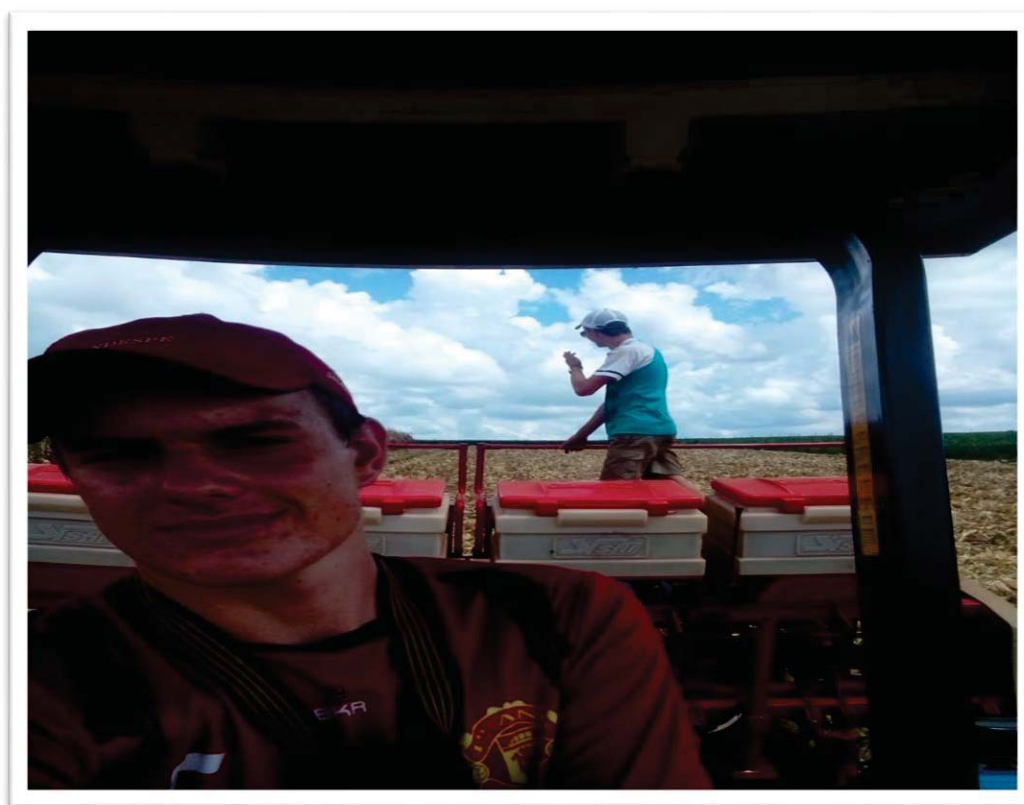
Fonte: Arquivo digital da família.

Nos 49 hectares de lavoura da família planta-se grãos (soja, milho, trigo, cevada e aveia) para auxiliar no processo do plantio à colheita faz-se rotação de culturas durante o ano para evitar que em uma mesma área sejam cultivada consecutivamente espécies com as mesmas necessidades nutricionais, havendo tempo para que o solo recupere parte da fertilidade.

Na safra do ano passado, de 2015 foi produzido e colhido 39 por hectare de trigo e 49 por hectare de soja. Na interpretação de Michel, “2015 não foi um ano em que se teve uma boa colheita, devido as condições climáticas que tivemos em nosso município, mas foi o suficiente para ajudar a manter a família”.

Na Figura 6, a representatividade do trabalho realizado por Jaime e seu filho Michel na safra de 2015.

Figura 6 – Trabalho do pai e filho na safra de 2015



Fonte: Arquivos de Michel

Na época de safra, para conseguir darem conta do serviço da casa e da lavoura, o patriarca Emílio pede ajuda ao seu neto, José Mario Simon, trinta anos, residente na comunidade vizinha de Arroio Angico, que os auxilia no plantio e na colheita conforme a necessidade.

Na propriedade também se produz laticínios. São ordenhadas quinze vacas, em média, com a utilização da tecnologia de ordenhadeira. Essa atividade está restrita às mulheres, em especial à matriarca Ilga e sua filha Marlise. Os homens, o genro Jaime e seu neto Daniel, são os responsáveis pelo trato dos animais.

O leite é comercializado na Cooperativa Santa Clara, sendo produzido e vendido em média cerca de 5.500 litros ao mês.

Na propriedade também são criados animais para abate com vistas ao autoconsumo saciado. Frutas, hortaliças, legumes, mandioca, batata doce, batatinha, feijão, ovos entre outros alimentos também são produzidos para alimentação da família. Tais atividades são de responsabilidade de Emílio e Ilga.

Todo o trabalho e as decisões sobre o destino da produção, desde a compra de insumos, sementes e defensivos até a comercialização do grão, são tomadas em conjunto por todos os membros da família. Todos participam dando suas sugestões e ideias. Porém, a família prioriza a segurança financeira e econômica, a credibilidade, a confiança e principalmente o preço que as empresas oferecem para seu produto. Soma-se a isso a escolha de produtos de qualidade, com vistas à segurança e a garantia da produção rural. Na Figura 7 a representatividade da produção e do trabalho na safra.

Figura 7 – Colheita agrícola



Fonte: Arquivos da família Maldaner

c) Sucessão

Marlise a filha mais nova do casal percebeu que precisava assumir o trabalho quando viu que a mão de obra em casa havia acabado e não tinha mais quem desse sequência as atividades dos pais. Jaime quando questionado sobre isso comenta “vimos que não tinha mais

ninguém para ajuda-los”. Na Figura 8, mosaico da lembrança do casamento de Marlise e Jaime seguidos das fotos de seus filhos Michel e Daniel quando pequenos.

Figura 8 – Jaime Hubner e família



Fonte: Arquivo da Família Hubner

Nesse sentido, chegamos à primeira parte da sucessão: a passagem de parte da administração da propriedade para a Marlise e seu esposo. Emilio diz que o processo aconteceu de forma natural, ele não viu problema em ter ficado com a Marlise e o Jaime para lhe ajudar. Destaca na sua fala “eles fazem o trabalho bem feito e são nossa mão na roda”.

A filha acredita que “tudo aconteceu de forma natural, fui a última precisavam de mim em casa pois não eram mais tão novos como quando meus demais irmãos foram saindo de casa”. O genro Jaime fala que a sucessão aconteceu aos poucos, de forma natural onde foram passando responsabilidades a eles e assim foram ganhando seu espaço.

Michel comenta que a passagem da propriedade dos avós para seus pais aconteceu por necessidade, pois os avós sozinhos não iam mais conseguir realizar todas as atividades. Ele frisa: “acho que aconteceu aos poucos e no momento certo, eu no lugar dos meus avós faria a mesma coisa e da mesma forma”. Daniel afirma: “Meus avós sentiram a necessidade de ter alguém para auxiliar e ajudá-los nas atividades. Avalio de forma positiva, pois foi o melhor para a propriedade. Do meu ponto de vista foi a melhor forma na qual eu faria igual”.

A matriarca Ilga diz que não viu problema em Marlise ter ficado e assumido a administração da propriedade juntamente com o genro. “Os dois sabem o que estão fazendo e fazem tudo sob nossa conscientização”.

Perguntado a eles como veem o trabalho desenvolvido pela filha e pelo genro Emilio destaca: “É um orgulho para nós saber que a Marlise juntamente com meu genro e meus netos se envolvem e tomam conta de praticamente tudo na propriedade”. Ilga na oportunidade sente orgulho em dizer:

É muito bom ver nossa filha dando sequencia a algo que nos esforçamos para ter. O trabalho desenvolvido por eles é bom. Ainda ajudamos em algumas atividades que podemos não da mesma forma e garra que antigamente, mas sempre que podemos estamos envolvidos também.

Com parte da administração da propriedade assumida Marlise frisa na dificuldade dos pais entenderem e aceitarem o que eles queiram fazer. Seu esposo Jaime conta que sentiram várias dificuldades em função das mudanças naturais que estavam ocorrendo mas que seus sogros insistiam em resistir. Afirma: “Mas conversando, eles nos ouvindo e nós ouvindo as opiniões e ideias deles tudo sempre se resolveu da melhor forma possível”.

Da mesma forma que Marlise e Jaime tiveram dificuldades ao começar a trabalhar com os pais/sogros Michel e Daniel também tiveram. O mais velho conta que sem dúvida a maior dificuldade é “eles aceitarem as suas ideias”. Daniel por sua vez destaca “acredito que as maiores dificuldades são referente ao choque de ideias, pois não aceitam ou não deixam nós explicar o quanto novas tecnologias podem agregar valor a propriedade”.

A filha conta que uma das mudanças que ocorreu com ela e seu marido assumindo a administração e responsabilidade da propriedade foi o acréscimo da atividade leiteira. Ela lembra rindo que faziam queijos e saíam vender a R\$ 3,00 a quilo na cidade de Tapera. “Era feito em média de cinco a seis queijos por dia devido às seis vacas que tínhamos na época. O

leite era vendido também e cobrávamos o valor de R\$ 0,25 o litro”. Seu marido relata que começou a cuidar das lavouras do sogro e ajuda-los no que necessário. Frisa também que com a chegada da tecnologia conseguiram comprar uma ordenhadeira que fez com que a produção pudesse ser aumentada e conseqüentemente comercializado para as cooperativas leiteiras.

Quando perguntado sobre quem gostaria que herdasse a propriedade Emilio diz “a Marlise cuida a propriedade, mas todos os demais filhos vão ter direito a algo, afinal todos eles trabalharam”. Ilga explica que ainda não sabem como irá ficar, “mas todos vão ter o mesmo direito pois se esforçaram e ajudaram a construir o que se tem hoje.” No mesmo instante foi questionado se tem alguma pessoa que os patriarcas não queiram que herdasse a propriedade e ambos responderam que não.

Marlise e Jaime não precisaram nem pensar em suas respostas. Ambos responderam os dois filhos. Jaime ainda destaca: “pois trabalhamos para eles terem alguma coisa, esperamos que eles saibam dar valor”. Ainda, Marlise diz que os filhos “deveriam seguir o caminho dos pais e dos avós, mas em primeiro plano o estudo”. Quanto ao processo de sucessão, afirma que não faria diferente.

Jaime gostaria que eles dessem seqüência ao trabalho de hoje pois está tudo mais fácil e as dificuldades não são mais as mesmas. Comenta:

Quanto a sucessão eu não faria como meus sogros que como ela era a mais nova e não tinha mais mão de obra em casa quiseram que ela ficasse. Eu deixaria meus filhos escolherem de forma mais natural, principalmente o Daniel que é o mais novo. Não iria obriga-lo a ficar por não ter mais mão de obra.

Na Figura 9 está representado o orgulho do pai pelos filhos, o qual foi descrito durante a entrevista. Ambos jogaram juntos o Campeonato Intercomunidades de Tapera no ano 2015, momento em que o time da comunidade de Arroio Angico sagrou-se campeão.

Figura 9 – Pai e filhos na final do campeonato municipal



Fonte: Arquivo de Michel

Tanto Marlise quanto Jaime sentem-se seguros da continuidade de seus trabalhos juntamente com seus filhos pois estão administrando da maneira correta e com o consentimento de Emilio e Ilga.

Apesar da filha e seu esposo cuidarem da administração da propriedade patriarca e matriarca ainda realizam algumas atividades. Emilio por exemplo, faz de tudo. Cuida do plantio da mandioca, das lenhas para o inverno rigoroso, capina ao redores da casa e acredita que os filhos veem isso como um passa tempo, pois ele não ajuda mais na mesma intensidade que anteriormente. Ilga ajuda a filha em todas as atividades: no almoço, na ordenha, na lavanderia e aonde for necessário.

Questiono sobre o que gostariam de fazer e não podem. Marlise logo responde “ largaríamos a produção leiteira, que apesar de nos dar uma boa renda e sustento acabam tirando muito tempo de nós e consequentemente deixamos de fazer coisas que gostaríamos e pela atividade acabamos nos prendendo em dois momentos do dia”. O marido também cita que venderia as vacas leiteiras pois “nos privam de viajar e sair sem nos preocupar”. Meu sonho de conhecer todo o Brasil fica impossibilitado, pois a atividade nos priva.

Michel vai além: “gostaria de arrendar terras”, mas comenta que não pode pela condição financeira do momento não estar favorável para isso e também pelo fato que

precisariam outras pessoas para ajudar na atividade. O irmão não soube responder a pergunta, mas disse que em todas as escolhas e decisões dos pais e avós ele sempre irá apoiar.

A participação de Michel na propriedade ficou “complicada” em função da graduação e do projeto de pesquisa que realiza junto a instituição de ensino. Salaria que mesmo assim esta ajudando de alguma forma ou outra sempre que possível. Daniel evidencia: “Agora que meu irmão está fazendo faculdade estou ajudando e participando mais até por que precisam de mim. Mas minha participação é positiva por mais simples que seja a atividade ela sempre vem a crescer”.

Como tudo na vida, sempre tem algo que poderíamos fazer mas não fazemos. O neto mais velho dos patriarcas afirma que poderia se envolver mais e aplicar os estudos e conhecimentos que está adquirindo na faculdade de Agronomia, porém comenta que é tudo muito recente para ele ainda. Já o neto mais novo conta sorrindo de canto que poderia ajudar mais na atividade leiteira, mas não gosta.

Quando questionado aos netos se ocorreram mudanças com relação a entrada deles, Michel diz que não e Daniel evidencia que as alterações ocorridas foram apenas nas divisões de tarefas apenas.

Na oportunidade pergunto a eles como será quando seus pais Jaime e Marlise sentirem a necessidade de passar parte ou total responsabilidade da administração da propriedade a eles. Michel frisa que são novos ainda, mas “já estamos se preparando para isto”. Ressalva ainda: “nunca soubemos o dia de amanhã, mas acho que será mais ou menos da mesma forma que meus avós fizeram. Pode mudar algumas coisas mais a essência será sempre a mesma”. Daniel argumenta que vai acontecer no momento certo e quando ambos estiverem preparados para administrar tudo.

d) Visão de futuro

A visão de futuro, na gestão das propriedades rurais familiares, é algo pouco discutido na família. Quando perguntado ao patriarca Emilio, a respeito do referido futuro, ele relata que pretende continuar fazendo as pequenas coisas. O mesmo pensamento é de sua esposa Ilga, que diz: “pretendo continuar ajudando minha família nas atividades da casa”.

Percebe-se harmonia no lar, compadrio, cumplicidade, bem como respeito entre os membros da família. Tais fundamentos que orientam as ações do futuro estão diretamente vinculadas aos valores cultivados tradicionalmente numa família católica. O futuro é visto com humildade, mas acima de tudo, pautado na união familiar.

Marlise cita que pensa em manter o que se tem. Jaime, em sua opinião comenta: “seguir na atividade e se pudermos aumentar melhor ainda!”. Michel dá ênfase em terminar a faculdade e seguir trabalhando na propriedade da mesma forma que Daniel que acrescenta ainda: “aumentar a propriedade e seguir dando sequência no trabalho dos meus pais e avós”.

Na sucessão de propriedades rurais familiares é esperado muita coisa. Emilio relata a seguinte frase quando perguntado o que espera de seus sucessores: “Acho que o Daniel e o Michel não vão querer ficar aqui pois estão estudando. Gostaria que um deles ficasse para ajudar o Jaime nas atividades pois da mesma forma que nós precisamos da ajuda, o Jaime também irá precisar daqui uns anos”. Sua esposa Ilga espera que seus netos continuem dando sequência ao que vem sendo feito e “que alguém dos nossos netos fique para seguir na atividade para que não tenha que ser vendido tudo”.

Quanto ao futuro da propriedade, Emilio espera que ela “continue lhe dando o alimento e o pão de cada dia” da mesma forma como a matriarca quer que ela “continue como está, que todos continuem trabalhando e fazendo com que ela cresça ainda mais”.

A filha e agora administradora da propriedade cita: “espero que a propriedade siga dando bons frutos e o alimento da família”. O marido quer que siga prosperando e melhorando a cada dia mais.

Os filhos de Marlise e Jaime destacam para o futuro da propriedade o desejo de conseguir mantê-la. Michel cita: “que possamos ajeitar e organizar melhor algumas coisas como a infraestrutura e visual”. Da mesma forma que o irmão, Daniel acrescenta ainda: “que ela continue nos dando o alimento e o sustento”.

Existem muitos sonhos e medos na sucessão familiar. Para Emilio seu maior sonho é que “seus netos fiquem trabalhando aqui, eles são que nem filhos. Eles nasceram e estão crescendo aqui”. Quando questionado sobre seu medo ele logo fala: “o medo é que nossos guris coloquem tudo fora”. Ilga na sua vez destaca o seu maior sonho: “meu sonho é ver meus netos trabalhando na propriedade e que eles fiquem aqui no interior para dar sequência a este trabalho que vem de gerações já”. Seu medo é que não saibam aproveitar e dar valor ao que a família possui e acabam jogando tudo fora.

Jaime diz que seu maior sonho é ver os filhos Michel e Daniel formados, o seu maior medo relatado é “perder alguma pessoa da família que possa desequilibrar a atividade e a propriedade”. Ele receia que “os guris não saibam dar valor ao que foi construído e erguido até aqui e acabem jogando tudo fora”. A esposa sonha em ver os filhos guris dando sequência e ajudando no trabalho. O medo é “que eles percam o interesse pelo campo e as atividades fazendo com que a propriedade não tenha mais sucessores”.

Os sonhos e medos dos netos vão além. Michel sonha em ter uma propriedade modelo por mais que não seja de grande porte, mas que seja referência na comunidade e até mesmo no município. O irmão espera que a propriedade cresça e ambos têm como maior medo o fracasso. Apesar dos sonhos de todos, não existe um planejamento para o futuro. O que existe são planos e sonhos individuais.

4.1.2 Caso Família Hubner

A apresentação da Família Hubner contempla as dimensões analíticas estrutura e dinâmica familiar, a estrutura produtiva e a gestão da propriedade rural familiar.

a) Estrutura e dinâmica da família

A Família Hubner é formada por quatro pessoas: pai (Paulo), mãe (Mirtes), filha (Ana Paula) e filho (João Paulo). É uma família tradicional, simples e que preserva os bons costumes herdados de seus antepassados, ambos de descendência alemã. Na figura 10 a seguir, a família Hubner, o casamento dos pais e os filhos quando crianças.

O envolvimento com a agricultura iniciou desde a infância do casal. Paulo conta que a aproximação com a terra veio junto de seus pais e com seus seis irmãos. Lembra que com aproximadamente seis anos já estavam ajudando a carpir. “O plantio era feito com enxadas, era plantado arroz nas baixadas e mandioca, feijão, batatinhas ao redor de casa para a alimentação da nossa família”.

Ovos, porcos, gado era tudo produzido na propriedade dos pais de Paulo, pois isso eram artigos caros no mercadinho da cidade. As dificuldades e os problemas enfrentados eram inúmeros. Não tinham condições de frequentar boas escolas, não tinham como adquirir adubos e defensivos para salvar as lavouras. Era tudo braçal e o trabalho realizado por todos juntos. Paulo relata que apesar de tudo ser mais difícil era muito mais divertido do que é hoje. Trabalhavam a semana toda e nos finais de semana todos iam passear, iam de carroça puxada por bois na maioria das vezes quando o trajeto era mais longe. “O custo para a diversão era bem menor”, diz ele.

Figura 10 – Paulo Hubner e família



Fotos: arquivos da família Hubner

Paulo lembra perfeitamente que todos da família realizavam o trabalho e da mesma forma. Os mais velhos lavravam, quebravam o milho e os mais novos recolhiam tudo e ficavam com o serviço mais leviano. Porém na época de carpir, todos eram obrigados a ajudar, independente da idade.

Mirtes também iniciou seu contato com a agricultura quando estava na casa de seus pais no interior de Espumoso. Lembra que as dificuldades eram enormes e o trabalho todo braçal. Ela comenta:

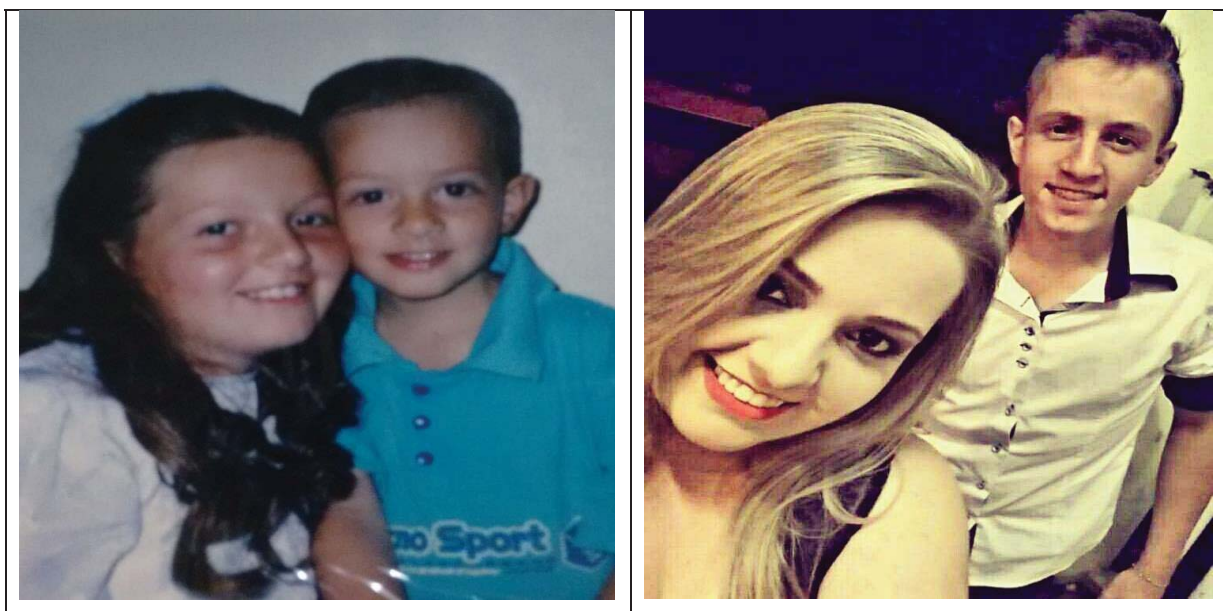
Era um serviço sofrido aonde íamos carpir debaixo do sol quente o dia todo. Como meus pais tiveram quatro filhas nós nos obrigávamos a ir ajudar ele. Era plantado naquela época soja, milho, feijão e tudo o que consumíamos. A prioridade era ajudar em casa, o estudo não era cobrado pelos nossos pais.

João Paulo, conta que sabe da luta, do suor, da vontade de conquistar algo e da vontade de crescer como produtores. Comenta que com muita humildade eles conseguiram e hoje todo o sacrifício está sendo revertido com resultados para a família. “Tudo digno de um

trabalho sério e muito competente, onde foi valorizada a luta das gerações anteriores para conquistar estas tão sonhadas terras”. A sua irmã relata que a família sempre trabalhou de forma unida. Tudo o que ela e seu irmão possuem hoje teve muito sacrifício e luta de seus pais. Ela comenta: “tenho conhecimento da garra e orgulho que minha família tem destas terras que são poucas, mas que foram adquiridas com o trabalho”.

Paulo e Mirtes são casados a vinte e oito anos e desta relação nasceram Ana Paula (22 anos) e João Paulo (17 anos) os herdeiros da propriedade, cuja infância e juventude estão representadas na Figura 11.

Figura 11 – Retrato dos filhos, na infância e na juventude.



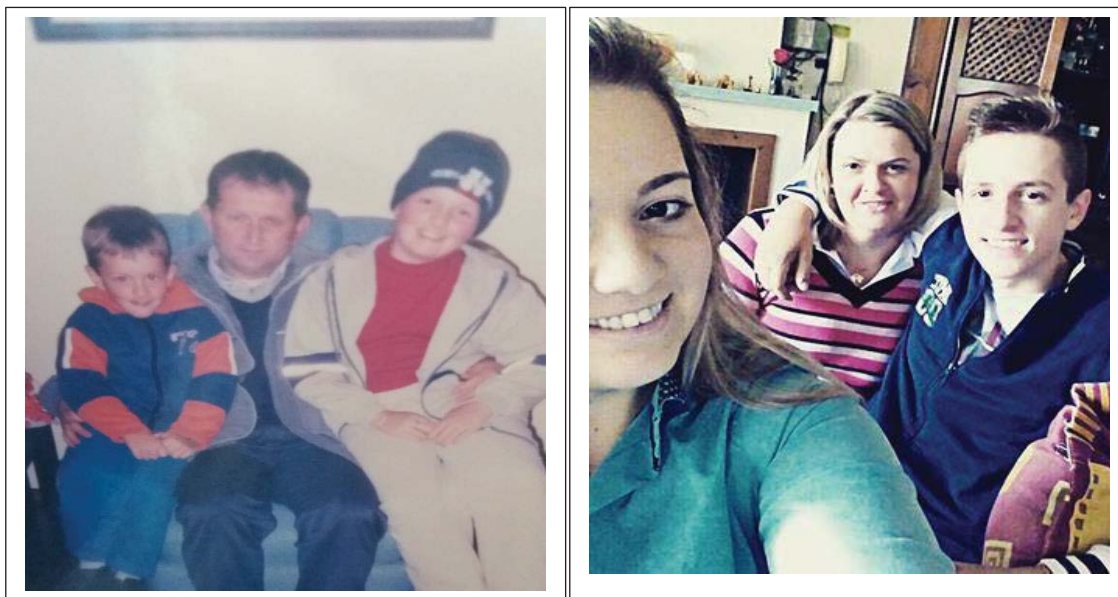
Fonte: Álbum da Família Hubner

Os filhos possuem uma ligação muito próxima entre si e definem a relação: “somos tudo um para o outro!”. Mirtes em suas palavras descreve: “eles são tudo para mim e para meu marido. São nossas razões de acordar todo dia e trabalhar para podermos dar a eles o nosso melhor”.

A mãe ainda acrescenta: “posso me descrever como uma mulher que trabalha e faz de tudo pelos meus filhos. Sou muito orgulhosa deles, trabalho e faço tudo por amor a eles. Abro mão de muita coisa por eles se preciso para poder ver eles sempre bem”.

O amor, carinho e compaixão entre pais e filhos é muito grande. Na figura 12, o mosaico deste amor um pelo outro: foto com a mãe tirada no Dia das Mães de 2016 e foto com o pai registrada no Dia dos Pais em 2003.

Figura 12 – Amor e carinho entre pais e filhos



Fonte: arquivos da Família

O pai é funcionário da cerealista Grandespe, local onde trabalha há vinte e cinco anos e desempenha todas as atividades referente a lavoura (plantio, colheita e preparo da terra) e a manutenção das máquinas. Ele configura-se como um trabalhador rural, mas como empregado de uma empresa. Sua rotina é cansativa, com horários para começar as atividades, mas nem sempre com previsão para encerrar.

Ao ser questionado sobre como se considera, Geraldo afirma: “é difícil falar sobre nós mesmos, mas hoje posso me considerar um homem realizado. Trabalhei muito e o que tenho hoje é para meus filhos. Trabalho ainda para poder dar sempre mais a eles”.

Paulo e Mirtes não tiveram a oportunidade de estudar devido ao trabalho que realizavam junto der seus pais nos afazeres da casa e nas lavouras, tomando-lhes todo o tempo. O trabalho era todo braçal, exigia muito esforço. Não havia desculpas para não ir junto capinar, quebrar milho e realizar as demais atividades. O trabalho acontecia independente do frio, do calor e da chuva. Mirtes comenta: “tudo que não tivemos com relação ao estudo estamos proporcionando a nossos filhos. Esperamos que eles saibam valorizar isso e que sejam boas e reconhecidas pessoas no futuro”.

Dos dois filhos, Ana Paula, autora deste trabalho está terminando sua Graduação. Trabalha oito horas por dia no Sindicato Rural de Tapera e Selbach e nas horas vagas dedica-se a ajudar principalmente sua mãe nos afazeres da casa. É uma menina sonhadora, cheia de planos e expectativas referente às terras que um dia irão herdar e com relação a sua graduação que está concluindo. Afirma:

Gosto muito do interior, do espaço livre e claro das responsabilidades que a terra traz consigo. Ajudo sempre que possível principalmente nos finais de semana que é meu tempo de folga. Todos da minha família trabalham e cuidam dos bens que possuímos pois sabemos o quanto foi difícil conquista-los. Gostaria de ter mais tempo para me dedicar a propriedade e ajudar meus pais para fazer com que tudo prosperasse ainda mais.

João Paulo, estudante do primeiro semestre de Agronomia, conta: “nossos pais cobram muito de nós com relação às aulas, notas e faltas. Sempre falam que o maior orgulho deles é ver os dois filhos formados, trabalhando e tendo uma vida principalmente financeira estável”.

O caçula ainda consegue se envolver mais nas atividades da propriedade, pois dispõe de um tempo maior em casa devido a estar em casa quando não está na faculdade. Ele ajuda em todos os possíveis afazeres principalmente com gado.

Todos são simples e sabem da importância da propriedade e de quanto é bom trabalhar junto em busca de um objetivo comum. Sabem dos seus afazeres e horários das atividades evitando assim um sobre carregamento de atividades.

Gostam de sair, jantar em família e o mais importante de tudo: todos são unidos. Não existe um problema somente de um e sim de todos; não existe dia ruim para um se não é para todos. Acreditam muito na família unida e que está é capaz de superar qualquer dificuldade se permanecer junta.

Nos finais de semana geralmente visitam familiares. Costumam ir a Igreja Católica na comunidade vizinha aonde são sócios e participam de festas, comemorações da comunidade principalmente da Escola Municipal de Arroio Angico, localidade que residem.

b) Estrutura produtiva e gestão da propriedade rural

A propriedade localiza-se na Linha Arroio Angico, interior de Tapera distante de 8 km da cidade e 3 km da propriedade da Família Maldaner.

As benfeitorias que encontram-se na propriedade são as seguintes:

- Uma casa em alvenaria
- Um galpão de ordenha e suínos
- Um galinheiro
- Uma estrutura que serve como casa do cavalo
- Uma estrutura para engorda de animais

Na sequência, as imagens evidenciam a qualidade das benfeitorias da família Hubner.

Figura 13 – Casa da família Hubner



Foto: arquivo de Ana Paula

Figura 14 – Galpão de ordenha e suínos

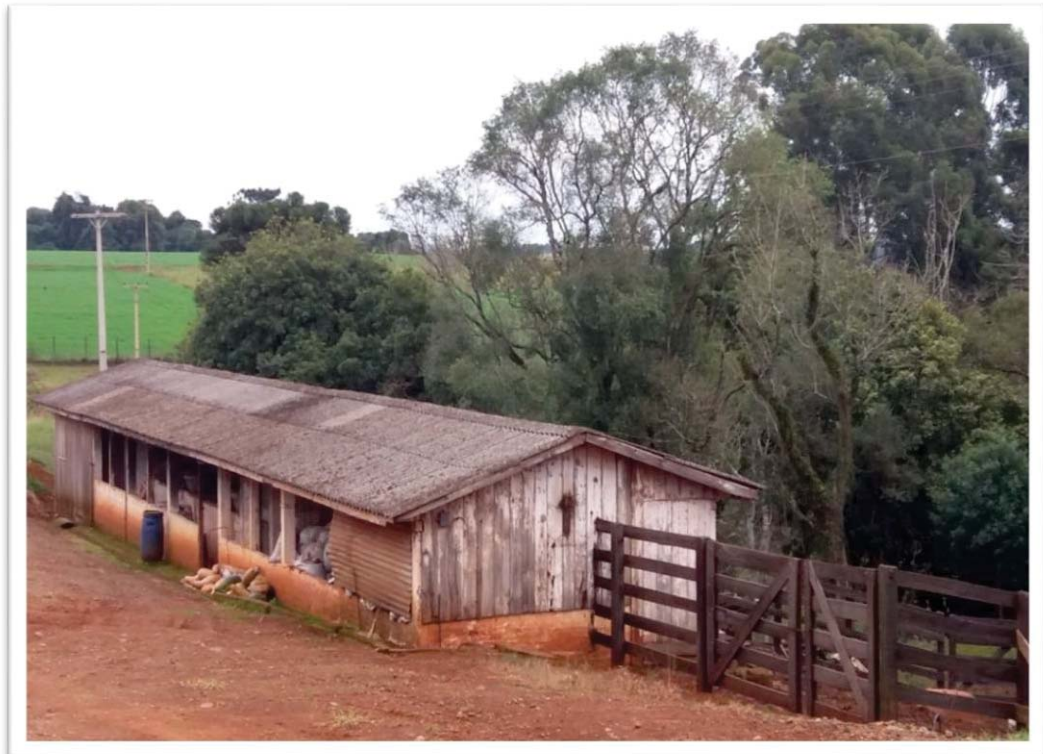


Foto: arquivo de Ana Paula

Figura 15 – Estrutura para o cavalo



Foto: arquivo de Ana Paula

Figura 16 – Galinheiro e engorda de animais



Foto: arquivo de Ana Paula

A mãe é a responsável pela ordenha das quatro vacas de leite que garante uma renda para ela na venda de queijos para suas vizinhas e pessoas conhecidas. Ela também é responsável em vender os ovos produzidos por quinze galinhas, em média. Mirtes é responsável pelos hortifrutigranjeiros, bem como pelo jardim e a limpeza da residência. Ela herdou as prendas de sua mãe e avó. Gosta de cozinhar e se envolver com as atividades tanto dentro da casa quanto ao seu redor. Cuida de sua horta na qual produz sem agrotóxicos todas as verduras, legumes e temperos que são consumidos pela família.

Paulo é quem cuida do gado, dos porcos e do trato dos animais fora de seu horário de trabalho na empresa Grandespe. Em função do pai trabalhar as oito horas diárias na Grandespe ou até mais as vezes os dois hectares que já estão consigo foram arrendados para o Jaime Hubner, seu irmão. Jaime por sua vez toma conta das lavouras do plantio a colheita e repassa a devida porcentagem combinada entre Paulo e ele no final de cada safra.

Jaime trabalha nas terras da mesma forma que na da Família Maldaner. É feita rotação de cultura, plantado soja, milho, trigo conforme as estações do ano. Paulo, sobre isso, comenta:

Foi a melhor forma que encontramos para não acabar vendendo os dois hectares. Eu não queria largar meu emprego pois recebo muito bem o que garante o estudo dos meus filhos. Espero um dia poder me dedicar em tempo integral a essas terras e cuidá-las mesmo. Mas, no momento não posso abandonar meu emprego e fazer isto.

Já as terras que serão herdadas do usufruto (dois hectares) se localizam cerca de 10 km da residência da Família Hubner. João Paulo comenta sobre a passagem das terras da seguinte forma:

Como nunca houve nenhum tipo de conflito entre irmãos, minha avó por meio de usufruto dividiu as terras entre seus seis filhos, de forma correta e digna sabendo que os herdeiros lutariam o quanto eles lutaram para conseguir mantê-las. Acredito que foi a melhor forma de dividir essas terras e eu no lugar dela não teria feito diferente.

A filha descreve que o usufruto foi a melhor alternativa para a divisão das terras entre os seis filhos. Comenta: “acredito que foi algo bom para todos e que deveria ser realizado desta forma. No dia que ela faltar (espero que este dia demore muito ainda) estará tudo dividido evitando assim conflitos entre a família”.

Na Figura 17, foto da irmandade de Paulo e Jaime.

Figura 17 – Paulo e Jaime Hubner na juventude



Foto: arquivos da família Hubner

c) Sucessão

Ambos os filhos do casal destacam que não existe um planejamento para o futuro da propriedade. Apenas sabem que irão herdar no momento certo. João Paulo diz: “planejar o futuro é sempre bom, porém não sabemos o que os aguarda. Acredito que é melhor esperar e deixar que as coisas aconteçam tudo no seu tempo”. A filha diz não ter até então um planejamento. Ela afirma: “eu e meu irmão iremos herdar essa propriedade e deste momento em diante o que fazer ou como fazer não tem um planejamento. O que temos são apenas ideias”.

Questionados sobre quem gostaria que fosse herdar a propriedade a mãe afirma que seus filhos justificando da seguinte forma: “para que fique na família e para que eles tenham alguma ligação com a terra”. Paulo, seu marido fala: “meus filhos devem herdar e espero que fiquem trabalhando na terra e no interior”.

Diante disto, questiono sobre a possibilidade de alguém não herdar essa propriedade. Mirtes afirma que não há uma pessoa que ela não gostaria de ver como herdeiro do empreendimento. Afinal, justifica, são “meus filhos. Eles estão estudando e se preparando para isso”. Paulo, por sua vez, responde: “[Eu não gostaria que] alguém que não é da família [herdasse]. Torço muito para que não precisem vender para algum estanho essa terra. Espero que fique com meus filhos”.

Trabalhar com os pais, que possuem mais de quinze anos de diferença em idade, gera algumas dificuldades relacionadas à gestão, pois são evidentes as diferenças de percepção da realidade. A filha de Paulo e Mirtes comenta que a diferença de idade e a falta de aceitação com relação a ideias, as novas tecnologias, o ao próprio estudo que estão disponibilizando aos filhos dificulta esse trabalho. Ela afirma: “deve ressaltar que nós mais novos não aceitamos que por mais que passe cem anos o trabalho básico dentro de uma propriedade não irá mudar. Por mais tecnologias que tenham o serviço sempre vai estar lá precisando de alguém”.

O filho comenta:

As dificuldades foram que nossos pais, pessoas mais velhas não aceitam muito as ideias do que aprendemos no cotidiano com o uso da tecnologia. Preferem na maioria das vezes seguir a ideia que aprendiam com seus pais e avós. Também cito que nossa geração não está acostumada com o trabalho braçal, pesado dificultando muitas vezes uma atividade que exige isso. Acabamos resistindo ou até inventando desculpas para não ajudar.

Muitas mudanças também ocorreram. A filha diz que hoje está tudo mais fácil com relação ao passado. “O serviço ficou mais fácil em questão de força exercida, as responsabilidades aumentaram mas parece que o tempo diminuiu, pois ninguém mais tem tempo todos estão em função da propriedade e do serviço dela.” O filho conta que as novas tecnologias, a facilidade em adquirir algo juntamente com os modernos e sofisticados implementos agrícolas facilitaram o manejo e a forma de trabalho. Ainda: “Não ficou tudo mais tão puxado e sofrido como era. Hoje com menos tempo você consegue fazer muito mais que antigamente devido a essa tecnologia empregada de forma correta”, diz o filho. Ele reforça também que com a entrada dele em parte da administração não ocorreram muitas mudanças pelo fato dele ser muito novo ainda.

Continua dizendo ainda:

Com o convívio direto com o interior, gosto muito do meio rural. Das lavouras, implementos agrícolas e demais ligados a agricultura. Porém, muitas ideias nossas não são aceitas por pessoas mais velhas que preferem fazer de sua forma, a tomar as velhas e rotineiras decisões. Hoje, vejo que muitas coisas ainda podem melhorar. Como futuro Agrônomo, tenho uma visão mais ampla da agricultura. Estou descobrindo novas ideias, tecnologias e quando me formar pretendo estar mais presente na propriedade e fazer dessas ideias mudanças concretas que serão convertidas em produção.

No mesmo contexto João Paulo conta que “poderia se concentrar mais e focar somente na propriedade. Estar mais presente a cada mudança e inovação que surge. Acredito que seria de extrema importância, mas isso hoje não é possível em função dos meus estudos”. A filha destaca que poderia fazer bem mais pela propriedade fora do horário de trabalho mas que algumas vezes os pais desmotivam os filhos devido a algum comentário ou crítica sobre algo realizado que acaba fazendo com que perde-se o interesse e a euforia momentânea de poder ajudar.

Questionados ainda sobre como será quando os pais quiserem passar a propriedade para eles, a filha afirma: “será um momento complicado, pois envolve dinheiro, responsabilidades e a própria família. Mas acredito que estamos nos preparando bem para este momento que um dia mais cedo ou mais tarde irá chegar.” João Paulo responde: “poderá ser complicado, mas ao mesmo tempo não; nós temos que ter a consciência para estarmos preparados para assumir o que já passou pelas mãos de outras pessoas e que um dia estará sobre nossa administração”.

d) Visão de futuro

Paulo quando perguntado o que pensa fazer responde “tentar manter para poder ficar com a propriedade e continuar no ramo da agricultura” da mesma forma que a esposa Mirtes espera continuar fazendo o que já faz. O filho mais novo primeiramente quer terminar seus estudos se dedicando e aproveitando ao máximo para depois poder levar os conhecimentos adquiridos para dentro da propriedade. A filha no olhar de administradora vai além: pretende com calma analisar tudo o que possuem tanto em valores financeiros quanto em relação ao que é produzido, como produzem e de que forma. Ela, então, comenta:

Se eu em conjunto com meu irmão conseguir enxergar através da elaboração de um bom plano de negócios que acrescentar uma terceira atividade na propriedade é algo rentável, isso irá ser feito.

O pai espera que seus filhos continuem nesse ramo e que deem a eles muitas alegrias. A esposa destaca: “que nossos filhos continuem estudando para ter conhecimento de como dar sequência na sucessão e naquilo e ficará para eles”

Para o futuro da propriedade Paulo vai além do sonho de seus filhos darem sequência. Ele salienta: “espero que meus netos também estavam dispostos a continuar”. A matriarca almeja que a propriedade siga os ajudando financeiramente garantindo o sustento da família.

Do casal de filhos, a filha deseja que a propriedade possa vir a prosperar ainda mais, cita: “que possamos dar sequencia ao trabalho que vem passando de geração em geração e que em pouco tempo estará em nossas mãos. Espero também que possamos colocar em prática os ensinamentos e das nossas graduações”. O filho mais novo espera que a propriedade sempre se mantenha de pé, visando além da produção e da lucratividade. Cita também a esperança em essa propriedade continuar dando o sustento sem nunca poder regredir. Sua mãe anseia que seus filhos continuem dando sequencia na administração das terras e o maior medo é que acabam vendendo e não saibam administrar o dinheiro da venda caso isso venha ocorrer. O marido idealiza que os dois filhos continuem dando sequencia a este trabalho que vem sendo feito por eles, que saibam cuidar destas terras e o seu medo é que não saibam administrar e acabam tendo que vender tudo.

Os sonhos vão além da propriedade, diz João Paulo. O sonho é sempre crescer, buscar novas ideias, tecnologias. Ele fala: “pretendo seguir nela. Quero comprar terras, produzir muito mais alcançando novos horizontes. Porém, meu medo em relação a isso é o fracasso”. Para a filha, no entanto, o sonho é fazer a propriedade prosperar. Nas suas palavras:

O sonho é fazer tudo prosperar através da sequencia do trabalho que já havia sido feito pelos nossos pais assim como foi realizado pelos nossos avós. Quem sabe daqui a alguns anos ter uma pequena propriedade modelo em sustentabilidade e alta produção de grãos em um pequeno espaço. Meus medos são relativos à venda inesperada devido algum problema não de gestão, mas sim como alternativa para saldar contas de problemas relacionado a saúde de algum membros da família.

Como pode-se observar nos depoimentos dos herdeiros, há interesse em dar continuidade à propriedade da familiar como um empreendimento rural, de forma que não seja apenas um recurso para subsistência, mas um empreendimento inovador e competitivo no contexto rural.

4.2 A SUCESSÃO NAS PROPRIEDADES RURAIS ANALISADAS

A sucessão nas propriedades rurais familiares estudadas encontra-se no estágio inicial para a Família Hubner onde os filhos dedicam seu tempo ao estudo e iniciam os trabalhos na propriedade sob a supervisão dos pais e no estágio quatro na Família Maldaner já que o pai se retira da administração da propriedade, transfere o patrimônio para a geração seguinte. (BURTON; WALFORD, 2005).

Através disso faz-se uma análise aos costumes, crenças de ambas as famílias que são muito parecidas. As duas orgulham-se da figura do patriarca e da matriarca e preservam a união familiar acima de tudo. Os valores presados pelas famílias como o amor, carinho,

respeito, afeto é algo que não se perdeu entre o passar das gerações e tanto a família Hubner quanto a Maldaner preservam isso. Podemos traçar um paralelo entre o citado acima com Minuchin (1988) quando este se refere que a família é um complexo sistema de crenças, valores e práticas desenvolvidas e ligadas as transformações da sociedade, visando uma melhor adaptação para a sobrevivência dos seus integrantes e da instituição como um todo.

Todo esse aspecto de valores e crenças contou muito para que a família Maldaner tivesse um processo sucessório sem conflitos. Observou-se durante as entrevistas e no decorrer do trabalho que a família consegue manter a harmonia e amor um pelo outro mesmo com os cinco integrantes residindo na mesma moradia. Sei o quanto é difícil na maioria das vezes a relação entre pai e filho nos dias de hoje já é muito complicada e conturbada pelas diferenças de idade e ideias, e, na família Maldaner este laço é ainda mais complexo, pois não se trata somente da relação do patriarca e da matriarca com a filha, mas sim a relação deles com o genro que mora junto deles. Isso trata-se segundo a visão psicológica de família como um conjunto de relações, onde a família é vista como um sistema ou grupo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentescos e ainda que considera-se pertencente a aquele contexto.

Afirmo que essa relação de ter duas famílias (Emílio e Ilga formam uma família e Jaime, Marlise e os dois filhos outra) dentro de uma só deu certa para a Família Maldaner. Como tudo na vida as dificuldades também existiram neste momento. Nos primeiros anos com certeza não foi nada fácil, pois existiam apenas três pessoas para dar ideias e realizar as atividades e a partir do casamento de Marlise passou a se ter quatro. Para Jaime que teve sua criação parecia com a que seus sogros deram a sua esposa foi difícil, pois o contexto em que ele estava inserido era diferente. Ele era filho mais novo de sua mãe e não ficou na propriedade da família para ir ajudar a esposa e seus sogros. A escolha deve não foi fácil o que para a época poderia ter gerado conflito entre as famílias o que não chegou a ocorrer.

Hoje, Emilio e Ilga dependem mais do serviço do genro do que da filha para conseguirem darem conta de todas as atividades que a propriedade engloba. Isso ocorre pelo fato de mais da metade dos 55 hectares da família serem lavouras.

O amor dos membros da família Maldaner pela propriedade e pela atividade que realizam é muito grande. O prazer e força com que eles trabalham e se envolvem é algo muito satisfatório. O respeito entre sogro e genro e a responsabilidade assumida por Jaime é algo que deixa nitidamente a família toda orgulhosa.

A sucessão da família aconteceu de forma natural nesta família, sem expectativa pela escolha que estavam fazendo para o momento. Não tiveram um planejamento, um conhecimento avançado ou um esboço a ser seguido para facilitar o processo sucessório. Essa falta de conhecimento no que diz respeito a isso poderia ter desencadeado uma série de problemas, intrigas, conflitos na família. Mas muito pelo contrário, tudo aconteceu no seu tempo e de forma tranquila. Hoje a família Maldaner colhe os frutos dessa passagem e se prepara uma nova geração que aos poucos está vindo para assumir essa administração. Trata-se dos dois netos Michel e Daniel que aos poucos estão recebendo atividades e participando das decisões da família. A expectativa de eles ficarem no campo é muito grande e significativa na manutenção das unidades produtivas. Hoje a permanência dos jovens no campo é um problema para as todas as famílias para isso é necessário que estes sejam bem preparados, que sejam cativados pela atividade, pela agricultura e pelo campo aos poucos. Não podemos forçá-los a ficar para dar sequência ao trabalho, essa decisão cabe somente. Os filhos não podem ficar trabalhando nas propriedades forçados pelos pais pois a sucessão será assim um fracasso e a propriedade provavelmente terá que ser passada a terceiros.

Na família Hubner o contexto é um pouco diferente. A sucessão ainda não ocorreu, mas os filhos já tem conhecimento do que ficará para eles administrarem nos próximos anos. Devido a pouca quantidade de terra, o trabalho nesta pequena propriedade possuem dois hectares de terra e irão herdar mais dois a partir do desfrute. Todos se envolvem na dinâmica produtiva da propriedade, mas não na mesma intensidade da Família Maldaner.

Na família a pluriatividade descrita por Tedesco (1999) está presente, momento em que alguns membros da família procuram uma atividade não agrícola como agregação de renda, por conseguinte dispõe de menos tempo para as atividades agrícolas, configurando assim, uma “nova ruralidade” trabalhado pela autora Wanderley (2004), fato de metade dos componentes da família terem uma atividade remunerada como empregados fora da propriedade o que acaba dificultando o convívio direto com as terras.

Nesta família não há um planejamento específico existe somente uma preparação dos sucessores já que o assunto sucessão é sempre complicado. Na afirmação de Lodi (1987) o processo sucessório tem seu início quando os filhos ainda são pequenos e algumas medidas já devem ser adotadas para despertá-los. Todas as três medidas citadas pelo autor: despertar o interesse dos filhos, os sucessores terem conhecimento e visão da realidade do mundo e medidas de caráter organizacional e político Paulo e Mirtes usaram com seus filhos. Ana Paula e João Paulo se envolvendo com as atividades, convivendo dia a dia com a propriedade realizando algumas atividades já possuem certa preparação para assumi-la.

Hoje o conhecimento e as informações sobre sucessão são inúmeras o que facilita mais o processo com relação ao que ocorreu na Família Maldaner. Existe preparação, estudos e graduações que estão sendo feitas para poder usar dentro das duas propriedades. A maturidade, o amadurecimento e o conhecimento dos sucessores é algo que supera as expectativas das famílias. Está muito mais fácil os pais acompanharem seus sonhos dos filhos ficarem no campo seguindo as suas atividades se transformando em realidade, não mais vendo como uma obrigação a permanência dos filhos no meio rural, mas sim como uma sequencia espontânea em seguir dando continuidade a um trabalho realizado até hoje pelos pais. Para isso, as tecnologias, o conhecimento e o estudo abriram a porta da esperança para toda a agricultura rural.

A expectativa que todas as pessoas do meio rural possuem com relação ao futuro das suas propriedades e a forma de que seus sucessores irão administrar elas é muito grande e positiva. O sonho de ver os filhos darem sequêcia no trabalho das famílias passou a ter esperança novamente e hoje não é somente mais utopia mas sim uma realidade vivida pela maioria das propriedades rurais.

4.3 PLANO DE AÇÃO PARA AS FAMÍLIAS MALDANER E HUBNER

PROPOSTA DE AÇÃO	O QUE SERÁ FEITO?	COMO SERÁ FEITO?	QUEM?	ATÉ QUANDO?
Reuniões familiares	Será feito reuniões com todos os membros das famílias	Definir uma data para cada mês para reunir todos os membros das famílias Convidar um advogado e um Administrador para apresentar as questões legais sobre herança, com base no Direito de Família Em conjunto, elaborar um Plano de Sucessão da gestão Em conjunto, elaborar um Plano de Sucessão da propriedade.	O patriarca	II Semestre 2016
Escolha de um responsável para gestão do fluxo de caixa nas propriedades	Eleger um membro de cada família para administrar os recursos financeiros das propriedades	Reunir as famílias para escolher um membro responsável pela gestão do fluxo de caixa de cada propriedade Fazer levantamento das finanças da propriedade Elaborar um orçamento mensal/anoal Elaborar o fluxo de caixa considerando as diferentes safras Submeter à apreciação das famílias	Representante da família	II Semestre 2016
Implementação do controle de fluxo de caixa nas propriedades	Será implantado um software de controle de fluxo de caixa em cada propriedade	A partir da votação do responsável pelo fluxo de caixa das propriedades será instalado um software de controle de entradas, saídas, orçamentos e afins por uma empresa de software especializada	Representante da família Sindicato Rural Empresa especializada <i>software</i>	II Semestre 2017
Planejamento estratégico para as propriedades	Será elaborado um planejamento estratégico para cada propriedade	Será criado com auxílio de um especialista no assunto um planejamento para as propriedades definindo metas, números e gastos a serem alcançados	Especialista em planejamento com as famílias	I Semestre 2017
Planejamento de sucessão nas propriedades rurais	Será elaborado um planejamento para sucessão nas propriedades	Será criado em uma das reuniões da família um plano de ação de transferência de comando da propriedade por meio do desenvolvimento de competências dos membros	Famílias Advogado especialista em Direito de Família	II Semestre 2017
Aprimorar o conhecimento dos membros das famílias	Participação em eventos técnicos das áreas agricultura e administração rural	A cada dois meses, um membro de cada família participará de eventos, organizados pelo SENAR, Cooperativas, Emater e Universidades, sobre temas de interesse	Todos os membros das famílias	II Semestre 2016
Controlar todos os custos da propriedade rural	Será elaborada uma planilha para controle da depreciação nas propriedades	Elaborar uma planilha de controle de custos da propriedade rural Relatório de depreciação de máquinas e equipamentos agrícolas e outros bens da família.	Contador	II Semestre 2016

5 CONCLUSÕES

A sucessão familiar na gestão das propriedades rurais tem um significado maior do que a simples troca de pessoas em cargos de gestão, como se pressupõe que ocorre em empresas urbanas. Nas propriedades rurais, a sucessão significa dar continuidade a uma história da família em atividades rurais, mas não está implícita a ideia de estagnação. A visão de continuidade por meio da sucessão familiar rural retrata a história da família ligada à produção rural, ao manejo da terra e dos animais, bem como ao apreço pelo contexto rural. Nas famílias rurais estudadas, a sucessão familiar é necessária em razão do envelhecimento dos patriarcas, da perda da força de trabalho, do distanciamento de muitos filhos da atividade rural (casamento, mudança de cidades, opção pela vida urbana, etc.). Soma-se a isso a ideia de trabalhos forçados, que foram a marca da primeira geração dos membros da família, à aquisição de novas tecnologias para o processo produtivo. Trata-se de um “novo rural”, que também exige novo perfil gerencial. Assim, o jovem rural, seja ele filho ou neto, homem ou mulher, são as melhores alternativas para que a família rural permaneça no campo e tenha recursos para sua subsistência com qualidade de vida. Se tratando de sucessão familiar rural fica mais árduo ainda, pois é difícil encontrar jovens que ainda querem ficar no campo dando sequência aos trabalhos dos pais e seus avós apesar de tudo hoje estar mais fácil, as dificuldades serem menores e a tecnologia e praticidade empregadas serem as mais modernas e práticas possíveis, muitos jovens não pensam em dar sequência as atividades.

Sonhos, medos, incertezas e até mesmo conflitos giram em torno deste tema que merece ser estudado e analisado com bastante cautela. Se tratando de famílias, muitas coisas estão em jogo. Nem sempre a sucessão ocorre dentro de um quadro de normalidade e que contemple sonhos, desejos e vontades de todos os membros das famílias. Evidencia-se neste estudo que não ocorreram problemas e brigas na sucessão da Família Maldaner apesar de não ter tido um planejamento para este processo. Nesses momentos a figura da família unida acima de tudo e dos valores que ela traz consegue deixar o processo acontecer da melhor forma possível.

Hoje em dia, a sucessão não diz respeito somente ao passar para o próximo com preparação e responsabilidades. Ela vai muito além. Nesse sentido, o estudo realizado com as Famílias Maldaner e Hubner evidenciou duas realidades: a primeira, uma família que já vivenciou a primeira passagem do processo sucessório pela necessidade sem estar devidamente preparada para isso, e este aconteceu de forma tranquila sem conflitos

familiares. Na segunda a realidade de um processo que ainda irá ocorrer mas que já possuiu um conhecimento sobre este momento por parte de todos. No caso da Família Maldaner este processo irá ocorrer novamente em menos de vinte anos e desta vez a família terá mais conhecimento, preparação e a experiência para realizar esta passagem novamente.

No caso da Família Hubner, os filhos tem conhecimento que um dia toda a propriedade e as lavouras ficarão para eles e nesse contexto possuem a chance de se preparar juntamente com seus pais para este momento. Porém acredita-se que não será tão fácil quanto foi na Família Maldaner, por nesta agora o pai e a filha trabalham fora da propriedade e não possuem uma ligação tão direta com aquilo que é e ficará para eles. O fato do patriarca não estar tão envolvido na atividade em função de sua carteira assinada a forma como esses bens serão passados aos herdeiros poderá ser distorcida apesar de todo conhecimento e preparação que estes possam vir a ter.

Ao finalizar o estudo, sinto-me satisfeita com o trabalho realizado em especial por visualizar um plano de ação. A sucessão não é um processo que ocorre num dado momento histórico, sem preparação antecipada dos membros da família. Na propriedades rurais, é importante que os membros da família das diferentes gerações estejam envolvidos nas atividades produtivas e gerenciais. Por essa razão, é recomendável que filhos e netos assumam responsabilidades de forma gradativa, com o objetivo voltado a proteger e preservar o patrimônio da família e gere propriedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 11, n. 2, p. 73-78, abr./jun., 2004.
- ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.
- ADIZES, I. **Os ciclos de vida das organizações: como e por que as empresas crescem e morrem e o que fazer a respeito**. 4.ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ALVES, E.; SOUZA, G. S.; MARRA, R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**, v. 20, n. 2, abr./maio/jun. 2011.
- AMARAL, R. W. et. al. Jovens do campo: a procura de visibilidade social. In: JEOLÁS, L. S. et. al. **Juventudes, desigualdades e diversidades: estudos e pesquisas**. Londrina: Eduel, 2007.
- ANDERSON, H.; GOOLISHIAN, H. A. Human Systems as linguistics systems: preliminary and involving ideas about the implications for clinical theory. **Family Process**, v. 27, n. 4, 1988.
- BERENSTEIN, I. **Família e doença mental**. São Paulo: Escuta, 1988.
- BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**, 05 de outubro de 1988.
- BRASIL. Decreto nº 1.946, de 28 de junho de 1996. Cria o programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar (PRONAF) e, dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 julho 1996.
- BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BRUMER, A. et al. Como será o campo amanhã? A situação dos jovens rurais do oeste catarinense, numa perspectiva de gênero. **Relatório de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- BRUMER, A.; SPANEVELLO, R. M. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre. UFRGS, 2008.
- BURTON, R.; WALFORD, N. Multiple sucession and land division on family in the South East of England: A counterbalance to agricultural concentration? **Journal of Rural Studies**, Londres, v. 21, p. 335-347, 2005.
- CAHALIL, Y. S. C (org.). **Código do Processo Civil**. 5.ed.rev., atualizada e ampliada. São Paulo: RT, 2003.

CAMARGO, R. A. L.; OLIVEIRA, J. T. A. Agricultura familiar, multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: interfaces de uma realidade complexa. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 42, n. 9, p. 1707-1714, set, 2012.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais. In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. (orgs.). **Mundo rural e política**. Rio de Janeiro: Campus/Pronex, 1998.

CARVALHO, V. R. F. Sucessão da atividade na pequena propriedade rural na perspectiva da família e de gênero. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45, 2007, Londrina. **Anais do XLV Congresso...** Londrina: Sober, 2007.

CASTRO, E. G.. Debate. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 5, n. 2, jul.-dez., 2000.

ELY, E. E. Sucessão rural: o futuro da propriedade em jogo. **Redação Rural News**, 21 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.ruralnews.com.br/visualiza.php?id=243>>. Acesso em: 30 out. 2015.

ESCHER, F.; SCHNEIDER, S.; SCARTON, L. M.; CONTERATO, M. A. Caracterização da pluriatividade e dos plurirrendimentos da agricultura brasileira a partir do Censo Agropecuário 2006. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 52, n. 4, p. 643-668, out./dez. 2014.

FERREIRA, B.; ALVES, F. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (orgs.). **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business**. Wallingford: Cab International, 1993.

GEORGAS, J. Family: variations and changes across cultures. In: LONNER, W. J.; DINNEL, D. L.; HAYES, S. A.; SATTTLER, D. N. (eds.). **Online Readings in Psychology and Culture**. Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington, 2003. Disponível em: <<http://www.wvu.edu/~culture>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HECHT, S. A. evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, M. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. 4.ed. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 2000.

JUCHEM, D. M.; BOSCARIN, P.; CÉSPEDES, E. A. H. Principais problemas enfrentados na hora da sucessão na propriedade rural: evidências empíricas. In: SEMINÁRIO EM

ADMINISTRAÇÃO FEA-USP, 8., 2005, Cidade Universitária. **Anais do...** Cidade Universitária: SEMEAD, 2005.

KAGEYAMA, A. A. Desenvolvimento rural: conceitos e aplicações ao caso brasileiro. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

LODI, J. B. **Sucessão e conflitos na empresa familiar**. São Paulo: Pioneira, 1987.

MALAGODI, E.; MARQUES, R. Para além de ficar e sair: as estratégias de reprodução social de jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MELLO, M. A.; FERRARI, D. L. A base agrícola do Oeste Catarinense, a importância e o perfil da atividade leiteira. In: TESTA, V. M. (Org.). **A escolha da trajetória da produção de leite como estratégia de desenvolvimento do Oeste Catarinense**. Florianópolis: SAR, 2003.

MINUCHIN, P. Relationships within the family: a systems perspectives on development. In: HINDE, R.; STEVENSON-HINDE, J. (orgs.). **Relationships within families: mutual influences**. Oxford: Clarendon, 1988. p. 8-25

SPANEVELLO, R. M. A dinâmica sucessória na agricultura familiar. 2008. **Tese** (Doutorado em Desenvolvimento Rural)– Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

TEDESCO, J. C. **Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e *ethos* camponês**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

TEDESCO, J. C. **Terra, trabalho e família: velhas e novas faces de um processo de desenvolvimento na região de Passo Fundo pós-anos 90**. Passo Fundo: EDIUPF/EST, 2006.

WANDERLEY, M. N. B. Olhares sobre o “rural” brasileiro. **Revista Raízes**, Campina Grande, v. 23, n. 1-2, jan./dez. 2004.

WANDERLEY, M. N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WEISHEIMER, N. A situação juvenil na agricultura familiar. 2009. **Tese** (Doutorado em Sociologia)– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com o patriarca e a matriarca da Família Maldaner

- 1) Eu gostaria de saber um pouco da história da sua propriedade (como iniciou o trabalho com a agricultura, quais as dificuldades enfrentadas, como era realizado o trabalho...). Quais as suas lembranças? Poderia me falar um pouco sobre isso?
- 2) E o serviço da lavoura, era realizado por quem? O(a) senhor(a) também fazia alguma coisa? Quem mais ajudava? Você(s) dava(m) conta de tudo?
- 3) Em algum momento o(a) senhor(a) percebeu que uma saída para dar conta de tanto trabalho seria passar a propriedade para os filhos? Em caso afirmativo, essa “passagem” era apenas da gestão da propriedade ou já era passar tudo no nome deles?
- 4) Como se sentiu em “passa” a administração da propriedade para uma filha, mulher, ao invés de um filho, homem? Ainda, pelo que vejo, o genro foi quem acabou assumindo junto e nem é da família, né? Isso não fica “meio estranho”?
- 5) Como esta vendo o trabalho desenvolvido pela filha e pelo genro? Vocês tem conversado sobre isso? Gostam de como eles trabalham ou apenas deixam eles fazerem o que quiserem com tudo aquilo que é de vocês?
- 6) Quem você gostaria que fosse herdar a propriedade? Por que?
- 7) Quem gostaria que não herdasse? Por que?
- 8) Quais os trabalhos que ainda realiza na propriedade? Como isto é visto pelos filhos?
- 9) O que pensa em fazer ?
- 10) O que espera dos seus sucessores?
- 11) O que espera para o futuro da propriedade?
- 12) Quais seus sonhos e medos referente a sucessão?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com a filha e genro da Família Maldaner

- 1) O que você sabe a respeito da história dessa família que pertence e dessa propriedade que hoje estão administrando?
- 2) Como foi essa passagem, de deixar de ser apenas um herdeiro para ser um quase proprietário de tudo isso? Vocês se consideram administradores da propriedade? Por que?
- 3) Quando perceberam que precisavam assumir o trabalho na condução da propriedade?
- 4) Que mudanças realizaram quando à administração desenvolvida pelo pai/sogro? Quais os resultados dessa mudança?
- 5) Quando assumiram administração da propriedade, sentiram alguma dificuldade? Poderiam comentar quais foram elas? Como superaram?
- 6) E com relação aos seus filhos? Vocês acham que eles deveriam assumir no lugar de vocês, assim como foi com seus pais? Fariam alguma coisa diferente em relação a essa sucessão? Como fariam isso?
- 7) Sentem-se seguros quanto a continuidade de seu trabalho? Acham que estão administrando certo todos os bens da propriedade? Acham que poderiam fazer melhor? Se pudessem, o que fariam diferente? Por que não fazem?
- 8) O que gostariam de fazer mas não podem? Por que?
- 9) O que poderiam fazer e não fazem? Por que?
- 10) Quem gostaria que fosse herdar a propriedade e por que?
- 11) O que pensam em fazer?
- 12) O que desejam para o futuro da propriedade?
- 13) Quais seus sonhos e medos referente a sucessão?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com os netos da Família Maldaner

- 1) O que sabem a respeito da história da família de vocês em relação a essa propriedade rural? Poderiam me contar suas histórias?
- 2) O que sabem sobre como foi a passagem da propriedade do avô para os pais de vocês? Como avaliam isso? Consideram que foi a melhor forma como tudo aconteceu? Se vocês estivessem no lugar os avós de vocês, fariam diferente?
- 3) E como será quando os pais de vocês quiserem passar a propriedade para vocês?
- 4) Como avaliam a sua participação na administração da propriedade e dos bens que aqui são gerados/produzidos? Vocês fariam alguma coisa diferente? Em caso afirmativo, o que seria? Por que?
- 5) Ocorreram mudanças com a entrada de vocês na administração da propriedade? Quais?
- 6) O que gostaria de fazer mas não pode? Por que?
- 7) O que poderia fazer mas não quer? Por que?
- 8) Se ocorrerem mudanças, explique quais foram.
- 9) Existe um planejamento para o futuro da propriedade?
- 10) Quais as maiores dificuldades enfrentadas por você ao começarem a trabalhar com seus pais?
- 11) O que deseja para o futuro da propriedade?
- 12) O que pensa em fazer?
- 13) Quais seus sonhos e medos com relação ao futuro da propriedade?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista com o patriarca e a matriarca da Família Hubner

- 1) Eu gostaria de saber um pouco da história da sua propriedade (como iniciou o trabalho com a agricultura, quais as dificuldades enfrentadas, como era realizado o trabalho...). Quais as suas lembranças? Poderia me falar um pouco sobre isso?
- 2) E o serviço da lavoura, era realizado por quem? O(a) senhor(a) também fazia alguma coisa? Quem mais ajudava? Você(s) dava(m) conta de tudo?
- 3) Quem você gostaria que fosse herdar a propriedade? Por que?
- 4) Quem gostaria que não herdasse? Por que?
- 5) Quais os trabalhos que ainda realiza na propriedade? Como isto é visto pelos filhos
- 6) O que pensa em fazer ?
- 7) O que espera dos seus sucessores?
- 8) O que espera para o futuro da propriedade?
- 9) Quais seus sonhos e medos referente a sucessão?

APÊNDICE E – Roteiro de entrevista com os filhos da Família Hubner

- 1) O que sabem a respeito da história da família de vocês em relação a essa propriedade rural? Poderiam me contar suas histórias?
- 2) O que sabem sobre como foi a passagem da propriedade do avô para os pais de vocês? Como avaliam isso? Consideram que foi a melhor forma como tudo aconteceu? Se vocês estivessem no lugar os avós de vocês, fariam diferente?
- 3) E como será quando os pais de vocês quiserem passar a propriedade para vocês?
- 4) Como avaliam a sua participação na administração da propriedade e dos bens que aqui são gerados/produzidos? Vocês fariam alguma coisa diferente? Em caso afirmativo, o que seria? Por que?
- 5) Ocorreram mudanças com a entrada de vocês na administração da propriedade? Quais?
- 6) O que gostaria de fazer mas não pode? Por que?
- 7) O que poderia fazer mas não quer? Por que?
- 8) Se ocorreram mudanças, explique quais foram.
- 9) Existe um planejamento para o futuro da propriedade?
- 10) Quais as maiores dificuldades enfrentadas por você ao começarem a trabalhar com seus pais?
- 11) O que deseja para o futuro da propriedade?
- 12) O que pensa em fazer?
- 13) Quais seus sonhos e medos com relação ao futuro da propriedade?